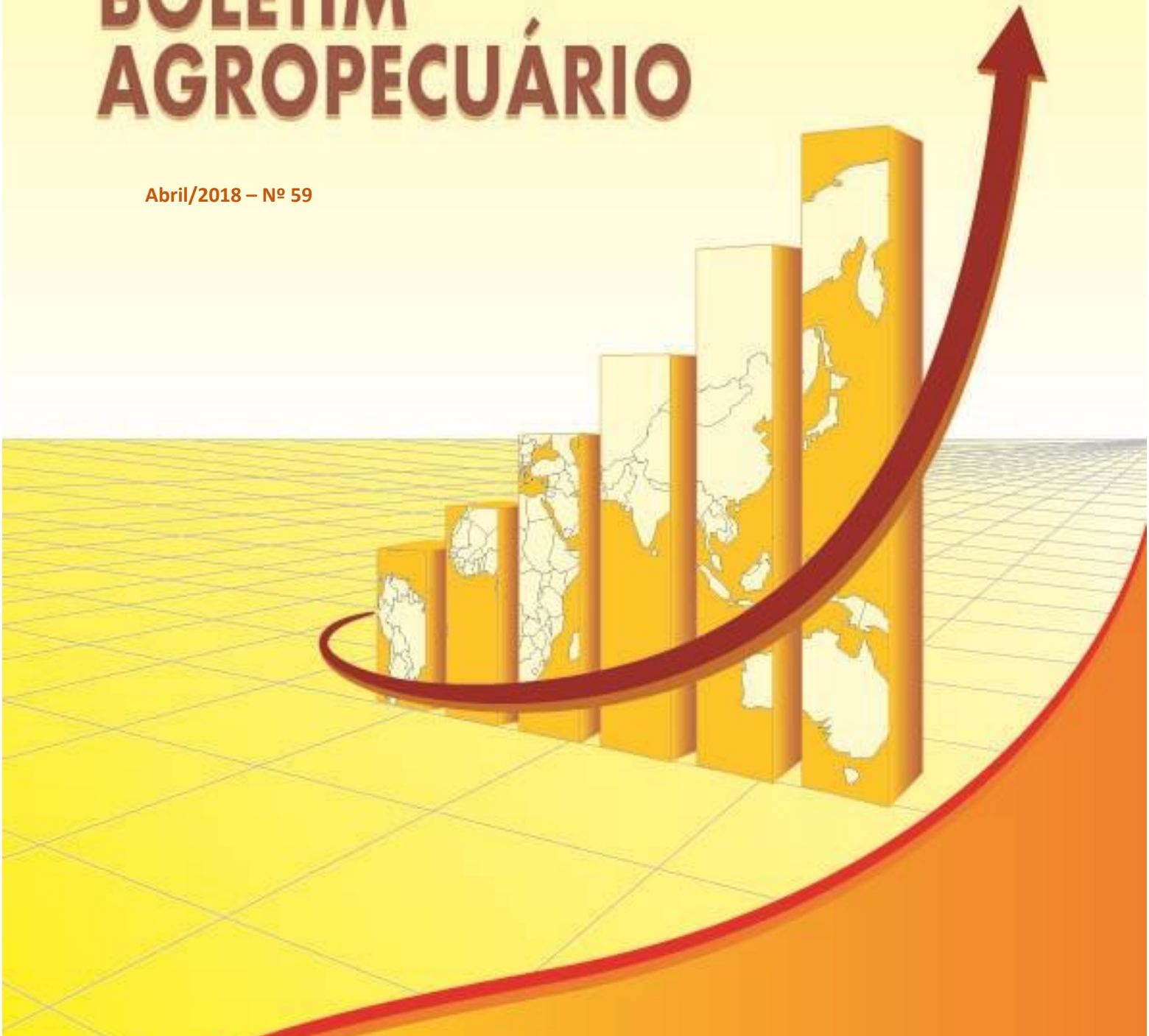
BOLETIM AGROPECUÁRIO

Abril/2018 – Nº 59



Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA
Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola

GOVERNO DE SANTA CATARINA
Secretaria da Agricultura e da Pesca

Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow

Boletim Agropecuário

Autores desta edição
Alexandre Luís Giehl
Glaucia Padrão
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Haroldo Tavares Elias
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes

Florianópolis

2018

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: http://cepa.epagri.sc.gov.br/
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração
Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Enilto de Oliveira Neubert – Epagri/DPI
Glaucia Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:
Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)
Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

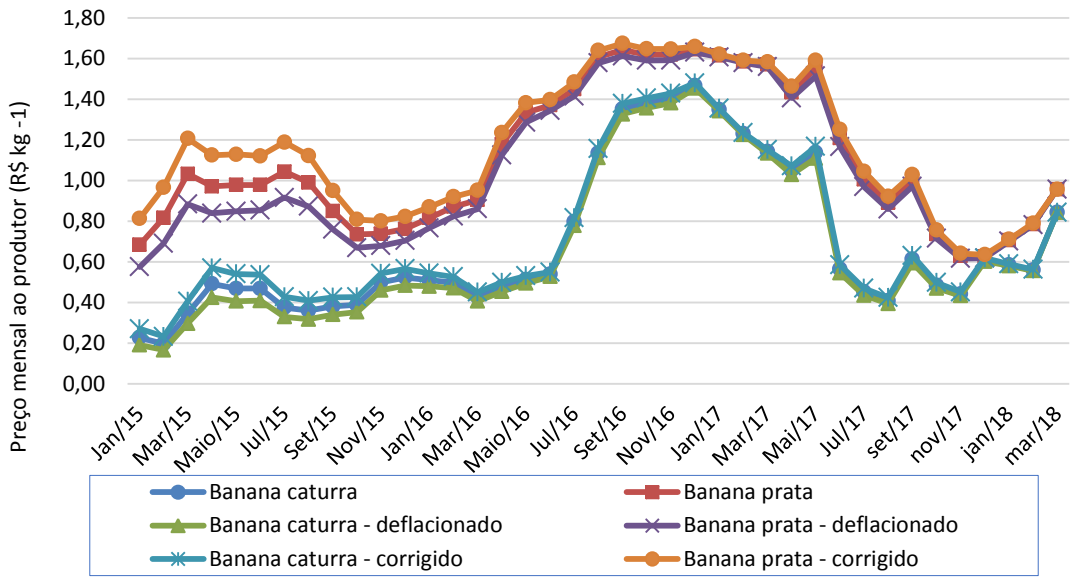
Sumário

Fruticultura 7
Banana 7
Grãos 11
Arroz 11
Feijão 15
Milho 18
Soja 24
Trigo 28
Hortaliças 30
Alho 30
Cebola 33
Pecuária 36
Avicultura 36
Bovinocultura 44
Suinocultura 50
Leite 58

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Nota: preços deflacionados (IGP-DI/FGV – abril/17=100); (*) dados estimados.
Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Evolução do preço mensal ao produtor em Santa Catarina – Jan. 2015 a Mar. 2018

Em março de 2018 a cotação da banana-caturra valorizou 51,5% em relação ao mês anterior, com melhoria na qualidade e aumento na demanda. No entanto, a média de preços do 1º trimestre de 2018 em relação ao de 2017 apresentou desvalorização de 47%, com um aumento na oferta da variedade no último trimestre. Este aumento foi ocasionado pelo maior desenvolvimento das frutas nos bananais relacionado a temperatura mais altas que a média. No acumulado entre março de 2017 e de 2018 segue desvalorização de 25,7% nas cotações, mas, com expectativa de recuperação no próximos meses. Após os tratos culturais no bananais no 1º trimestre, a estratégia é a melhoria na qualidade da fruta com perspectiva de aumento no volume exportado para o Mercosul a preços competitivos e valorização nas cotações internas com aumento relativo da demanda.

Entre fevereiro e março de 2018 o preço da banana-prata seguiu valorizado, em 22,5%; já que entre janeiro e fevereiro houve valorização de 11,4% na cotação. No comparativo entre o 1º trimestre de 2018 e de 2017 houve desvalorização de 49%, referente a maior oferta da variedade no último ano. A expectativa é de redução na oferta relativa da variedade com aumentos nos preços para os próximos meses.

Banana - Preço médio ao produtor (R$.kg^{-1}) nas principais praças de Santa Catarina – 2018			
Praça	Mês		Variação (%)
	Fevereiro	Março	
Jaraguá do Sul			
Caturra	0,43	0,87	**101,6**
Prata	0,57	0,90	**58,3**
Sul Catarinense			
Caturra	0,81	0,82	**1,2**
Prata	1,00	1,01	**1,0**

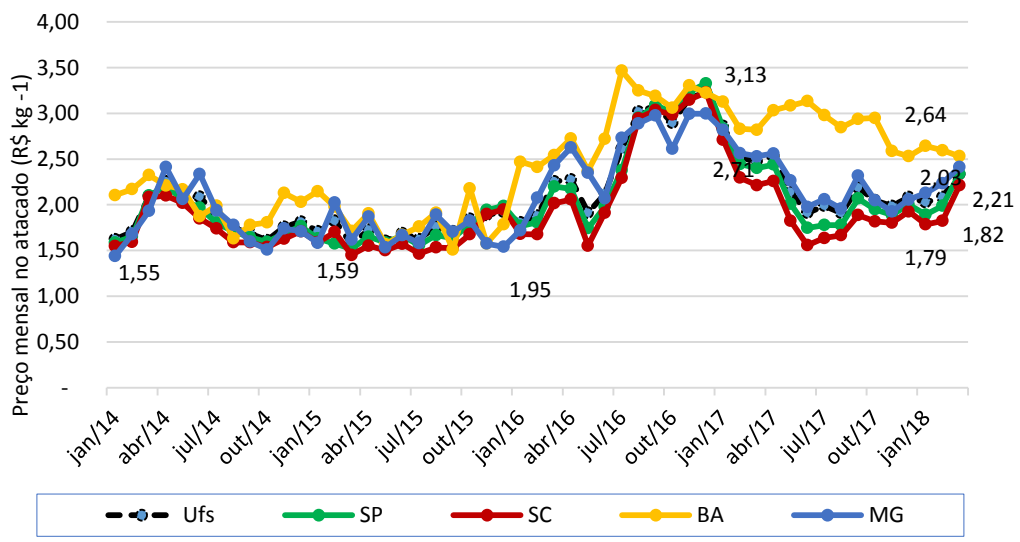
Nota: Valores em R$ por cx. 20 a 22 kg transformados em R$.kg^{-1}.
Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No Norte Catarinense, entre fevereiro e março de 2018 houve valorização dos preços com a redução da oferta nos bananais e melhoria na qualidade da fruta. A expectativa é de manutenção nas cotações e estratégia de escoar estoques para exportação. No Sul Catarinense, a oferta segue alta com perspectiva de aumentos na demanda que valorizem os preços no mercado.

Banana - Preço médio no atacado (R$.kg^{-1}) nas principais praças de Santa Catarina – 2018			
Praça	Mês		Variação (%)
	Fevereiro	Março	
Florianópolis (Ceasa)			
Caturra	1,32	1,48	**12,8**
Prata	1,75	1,84	**5,0**
Jaraguá do Sul			
Caturra	1,21	1,71	**40,9**
Prata	2,00	2,15	**7,4**
Sul Catarinense			
Caturra	1,53	1,48	**-2,8**
Prata	1,79	1,75	**-2,4**

Nota: Valores em R$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R$.kg^{-1}.
Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No atacado, segue baixo o volume comercializado nos entrepostos, com um aumento da demanda relativa provocando a valorização nas cotações da banana-caturra. Já a banana-prata mantém suas cotações desvalorizadas no Sul, devido a oferta alta da variedade e a qualidade da banana comercializada sendo afetada pela presença de chilling. Nos próximos meses a expectativa é de pressão nos preços devido o aumento da oferta da fruta nas regiões produtoras do Sudeste.



Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Banana – Preço médio mensal na Ceagesp – total das UFs e principais Estados – Jan. 2014 a Mar. 2018

Na Ceagesp, o volume comercializado no 1º trimestre de 2018 foi 0,45% maior que o comercializado em 2017, com 14,3 mil toneladas da fruta. No mesmo período, a oferta da banana catarinense aumentou 12,25% em relação a 2016, representando 5,5% do volume total comercializado na central paulistana. A expectativa é a manutenção na valorização dos preços, com recuperação da demanda com melhoria na qualidade das frutas, porém, o aumento na produção no Vale do Ribeira(SP) pode pressionar os aumentos nas cotações nos próximos meses.

Banana - Preço médio ao produtor (R$.kg^{-1})[(1)] nas principais praças do Brasil – 2018

Praça	Mês		Variação (%)
	Fevereiro	Março	
Bom Jesus da Lapa (BA)			
Nanica	1,31	1,06	**-18,5**
Prata	1,73	1,87	**8,6**
Norte de Minas Gerais (MG)			
Nanica	1,20	0,95	**-20,7**
Prata	1,59	1,76	**11,3**
Vale do Ribeira (SP)			
Nanica	1,16	1,20	**3,1**
Prata	1,61	1,68	**4,5**
Vale do São Francisco (BA e PE)			
Nanica	...	...	...
Prata	1,62	1,84	**13,2**

[(1)] Preço médio mensal em R$.kg^{-1}.
Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas principais regiões produtoras do Nordeste brasileiro, houve diminuição na oferta da banana-prata com recuperação nas cotações. Em São Paulo e Santa Catarina o preço ao produtor segue em recuperação com o aumento da demanda da fruta. Nas regiões produtoras do Sudeste e Nordeste houve problemas fitossanitários que afetaram a qualidade da banana-nanica no primeiro trimestre de 2018. A expectativa é o aumento na oferta com melhoria na qualidade das frutas determinando a manutenção dos preços médios no mercado.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2016 e 2017 em relação à estimativa da safra 2018

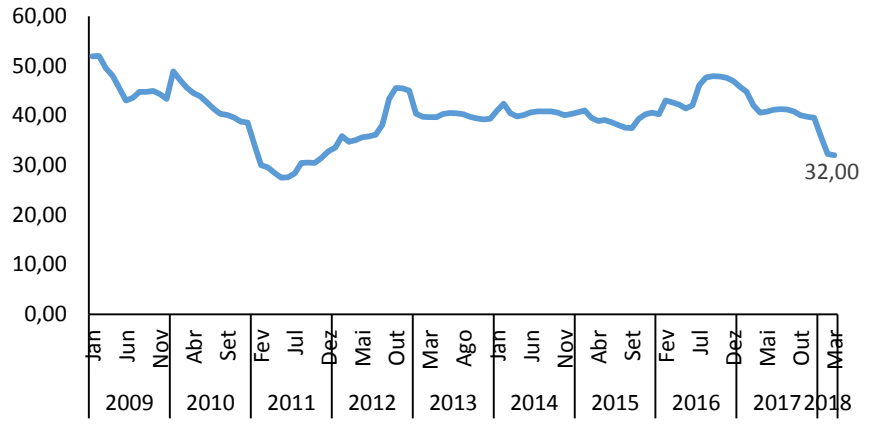
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra 2016			Estimativa safra – 2017			Estimativa safra – 2018			Variação estimativa 2018/safra 2017 (%)		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha^{-1})	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha^{-1})	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha^{-1})	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	4.254	159.806	37.566	4.253	151.828	35.699	4.254	151.752	35.673	0,0	-0,0	-0,1
Itajaí	3.925	122.900	31.312	3.924	122.844	31.306	3.875	122.783	31.686	-1,2	-0,1	1,2
Joinville	12.714	354.311	27.868	12.715	354.238	27.859	12.714	353.378	27.794	-0,0	-0,2	-0,2
Araranguá	5.094	51.315	10.074	5.092	51.329	10.080	5.084	50.396	9.913	-0,2	-1,8	-1,7
Criciúma	1.379	23.649	17.146	1.380	21.870	15.848	1.339	21.232	15.856	-3,0	-2,9	0,1
Tubarão	73	695	9.521	73	694	9.507	71	673	9.481	-2,7	-3,0	-0,3
Outras	1.048	22.647	21.610	1.037	22.554	21.744	1.038	22.191	21.378	0,1	-1,6	-1,7
Total	**28.487**	**735.323**	**25.813**	**28.474**	**725.357**	**25.474**	**28.375**	**722.404**	**25.459**	**-0,3**	**-0,4**	**-0,1**

Fonte: Epagri/Cepa.

Grãos

Arroz

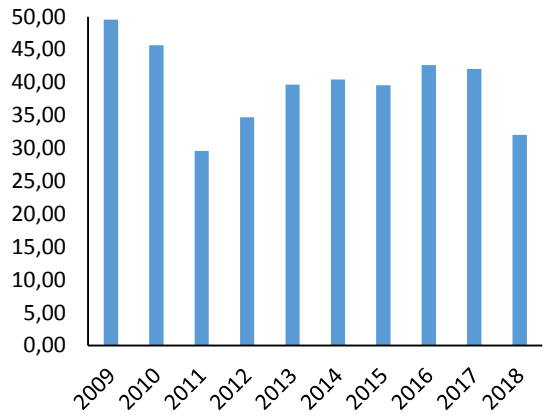
Glaucia Padrão
Economista, Drª. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

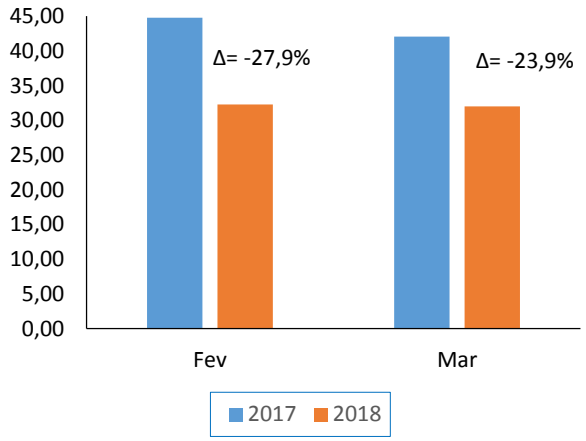


Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina (Jan./2009 a Mar./2018) – R$/sc 50kg

Em março de 2018 os preços ao produtor continuaram o comportamento de queda observado desde meados de 2016. Esse comportamento é reflexo da sucessão de safra com grandes perdas (2015/16), supersafra (2016/17) e safra normal (2017/18). Em termos reais, o preço ao produtor em março de 2018, que na média estadual foi de R$32,00 a saca de 50 kg, é o menor observado para o mês desde 2011. Já na comparação dos preços de março em relação à fevereiro, observa-se que em 2018 os preços em março foram 23,9% menores em relação à fevereiro, enquanto no ano de 2017 essa variação foi de 27,9%.



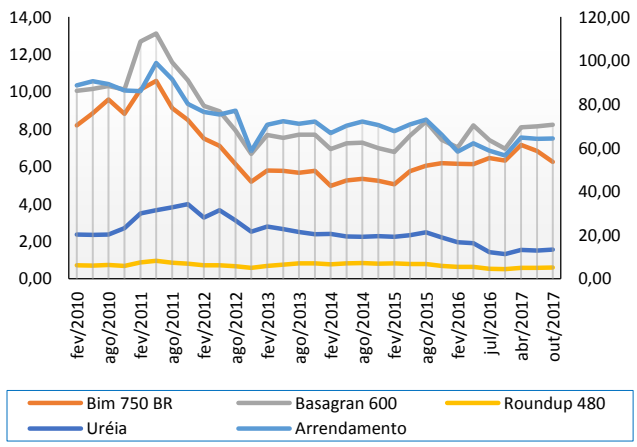


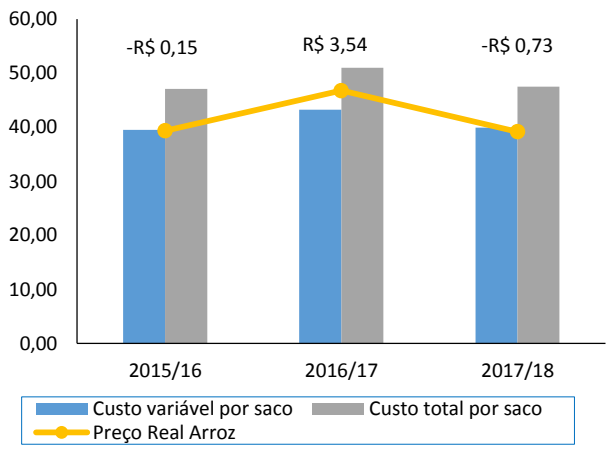
Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – Comparativo de preços reais ao produtor em Santa Catarina de 2009 a 2018, no mês de março– R$/sc 50 kg

Arroz em casca – comparativo preços reais ao produtor em Santa Catarina nos meses de março e fevereiro de 2017 e 2018

Destaca-se, ainda, a influência da sazonalidade sobre os preços do arroz no Estado. A sazonalidade nos preços de produtos agrícolas diz respeito às variações periódicas, determinadas por mudanças específicas da demanda ou da oferta em decorrência dos períodos de entressafra, por exemplo. No caso da sazonalidade, ao longo de um ano os preços sofrem pressões de alta e de baixa, conforme disponibilidade interna do grão. Dessa forma, qualquer possibilidade de aumento da margem de ganho do produtor deve ser considerada. Em santa Catarina, os preços dos meses de outubro a janeiro, período de entressafra, podem variar de 3 a 4,5% acima do preço médio praticado. Já nos meses de março a agosto, esses preços podem chegar a ser até 4% menores, sobretudo nos meses de março e abril, em que a colheita do grão está em seu máximo. Numa conjuntura em que os custos totais de produção superam a receita bruta do rizicultor, aqueles que conseguirem segurar a venda do produto para o segundo semestre terão a possibilidade de aumento da margem de ganho.





Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – Relação de troca entre o arroz em casca e os principais insumos de produção

Arroz em casca – comparativo preços reais ao produtor em Santa Catarina e custo de produção – 2015/16 a 2017/18

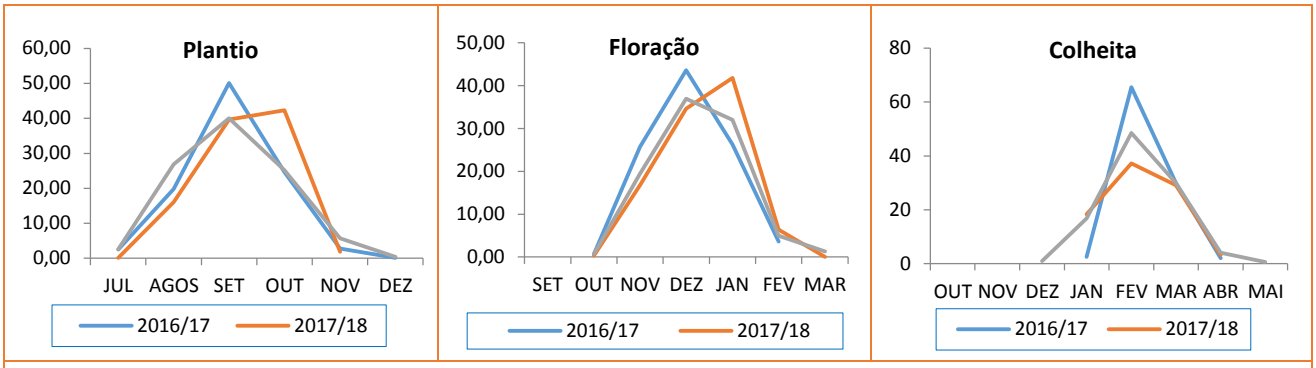
A relação de troca entre o grão e os principais insumos utilizados na produção tem se mostrado favorável ao produtor na safra 2017/18. Desde agosto de 2015 essa relação de troca apresentou comportamento decrescente, sendo necessárias menos sacas de arroz para aquisição de insumos de produção. No entanto, apesar da relação de troca favorável, os custos de produção têm sido crescentes nas ultimas safras. Observa-se pela figura que, na média, os preços têm cobrido apenas parte dos custos (custos variáveis), ou nem isso, em algumas safras. A combinação de aumento dos preços dos insumos e redução dos preços médios recebidos pelos produtores, reduz a margem de lucro dos mesmos e tende a eliminar muitos produtores do mercado. Entre os grandes gargalos enfrentados pelo produtor, que é tomador de preço, ou seja, não consegue influenciar na formação de preços do mercado, está a alta carga tributária paga por ele, que em Santa Catarina representa cerca de 16% do custo total de produção, de acordo com estudo realizado pela Epagri/Cepa.

Arroz Irrigado – Comparativo safra 2016/17 e safra 2017/18 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.730	401.179	7.755	51.730	398.119	7.696	0,00	-0,76	-0,76
Blumenau	8.379	72.962	8.708	8.376	67.345	8.040	-0,04	-7,70	-7,66
Criciúma	20.857	167.558	8.034	20.857	162.943	7.812	0,00	-2,75	-2,75
Florianópolis	3.095	17.336	5.601	2.660	17.336	6.517	-14,05	0,00	16,35
Itajaí	9.261	76.190	8.227	9.261	73.128	7.896	0,00	-4,02	-4,02
Ituporanga	269	2.152	8.000	277	2.475	8.935	2,97	15,01	11,69
Joinville	20.036	167.916	8.381	20.036	164.871	8.229	0,00	-1,81	-1,81
Rio do Sul	10.759	89.384	8.308	10.702	95.695	8.942	-0,53	7,06	7,63
Tabuleiro	146	1.238	8.479	126	1.056	8.381	-13,70	-14,70	-1,16
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.094	160.020	7.586	21.094	159.613	7.567	0,00	-0,25	-0,25
Santa Catarina	148.316	1.176.234	7.931	147.809	1.162.880	7.867	-0,34	-1,14	-0,80

Fonte: Epagri/Cepa (Fevereiro/2018).

A análise comparativa da safra 2017/18 em relação à safra 2016/17 permite identificar redução de 1,14% na produção no ano safra corrente, como resultado da redução de 0,34% da área plantada e 0,8% da produtividade média no estado. Se confirmada tal expectativa, a produção deverá ser de aproximadamente 1,16 milhões de toneladas, numa área de aproximadamente 148 mil hectares. A produtividade deverá ser de 7,8 toneladas por hectare, o que equivale a 157,3 sacas/ha. Embora essa produtividade média tenha variado pouco em relação à ultima safra, em algumas regiões, como Blumenau, Itajaí e Criciúma é possível observar uma redução significativa, em função de problemas climáticos isolados, a exemplo da chuva de granizo ocorrida em Nova Veneza. No entanto, destaca-se que esta é considerada uma safra normal, sem grandes problemas observados.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Comparativo da evolução dos estádios fenológicos da safra de 2016/17, 2017/18 e média das três ultimas safras

O mês de março fechou com cerca de 85% da área plantada com arroz irrigado no Estado colhidos. Até a segunda semana de abril esse percentual aumentou para aproximadamente 88% no estado. A expectativa

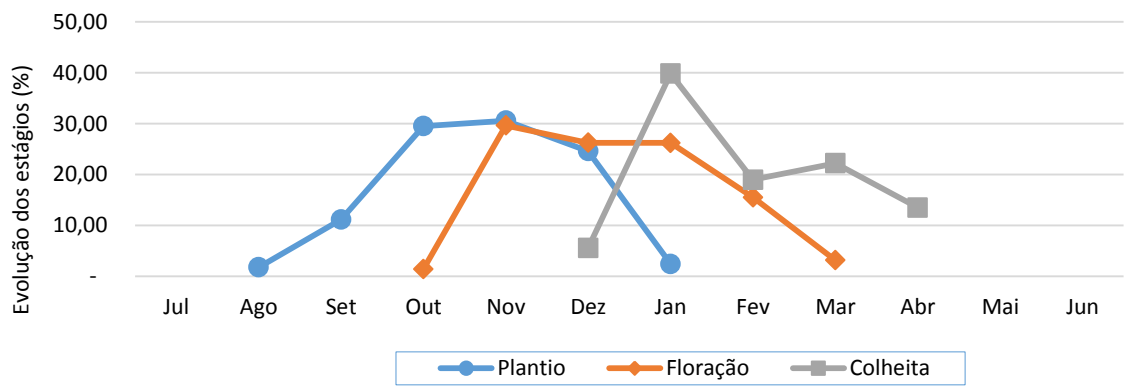
dos produtores é de que esta seja uma boa safra, com produtividades regulares, embora um pouco menores em relação ao ano anterior. A região onde a colheita está mais adiantada é o Litoral Norte, em que aproximadamente 95% da área plantada na microrregião de Blumenau já foi colhida, 98% na microrregião de Itajaí e 99,7% na microrregião de Joinville, restando apenas pequenas áreas onde há a colheita da soca, que deve se extender até o final de abril. No Sul do Estado, a colheita totalizou 89%, 100% e 78%, nas microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão, respectivamente. A exemplo das lavouras do Litoral Norte, as desta região também apresentaram com ótimo desenvolvimento vegetativo, embora tenham sido observados prejuízos localizados em Nova Veneza. Na Região do Alto Vale, a colheita totaliza 70% nas microrregiões de Rio do Sul e Ituporanga. As lavouras estão apresentando bom desenvolvimento e o clima tem colaborado. No entanto, contabilizam-se algumas perdas nos municípios de Rio do Sul e Agronômica, que foram castigados pela ocorrência de granizo. Comparativamente à safra 2016/17, a colheita está atrasada em cerca de 13%. No entanto, em relação à média das últimas três safras observa-se que esta tem apresentado comportamento esperado, sem atrasos ou antecipações, devendo a colheita se estender até meados de maio.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Com aproximadamente 85% da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra já colhido, o ritmo de colheita segue firme, o tempo estável e sem chuvas tem favorecido as operações mecanizadas. Apenas nas microrregiões de Campos de Lages, Joaçaba e Curitibanos, importantes regiões produtoras de feijão-carioca, ainda resta produto a ser colhido. Nesta safra, apesar dos problemas ocorridos por falta de chuvas no início do plantio, a evolução dessa fase ocorreu de forma bastante normal, essa etapa do cultivo que iniciou em agosto teve seu pico no mês de novembro (31%). A fase de floração iniciou com registros a partir de outubro e a evolução dessa fase também foi considerada normal, a cultura do feijão 1ª safra tem uma janela de plantio bastante longa, com isso a fase de floração se estendeu de outubro a março.

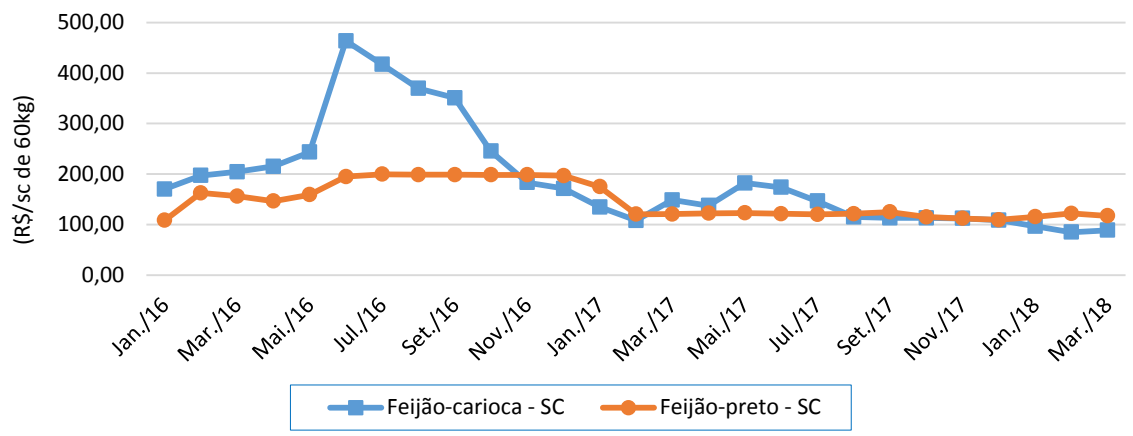
Quanto a colheita, esta fase teve comportamento bastante adequado em função das condições climáticas. Ocorreram dias em que, em função do excesso de umidade, não foi possível realizar colheita, sem que com isso houvesse comprometimento da evolução da colheita. No gráfico é possível observar dois picos de colheita, o primeiro ocorreu em janeiro, nesse período praticamente todas as regiões do estado estão com as áreas de feijão 1ª safra em colheita, a exceção são as regiões mais frias do estado, com isso temos um segundo pico de colheita em março, nesse mês as microrregiões de Campos de Lages, Joaçaba e Curitibanos, que abrange a região de Campos Novos, que juntas respondem por cerca de 46% da produção de feijão 1ª safra no estado, estão e ritmo acelerado de colheita.



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão 1ª safra – Evolução dos estagios de desenvolvimento da cultura – safra 2017/18

De janeiro de 2016 a março de 2018, o preço real do feijão-preto se manteve relativamente constante, messe período a variação entre o maior e o menor preço mensal pago ao produtor chegou a 84%. Já para o feijão-carioca, essa variação entre o maior e o menor preço chegou a 544%, com pico de preço pago ao produtor no mês de junho de 2016 (R$ 463,58) e menor preço no mês de fevereiro de 2018 (R$ 85,19).



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor de feijão carioca (Joaçaba/SC) e feijão preto (Canoinhas/SC) – jan./2016 a mar./2018. (preços corrigidos pelo IGP-DI)

Na praça de Joaçaba, referência para tomada de preços para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum para a saca de 60kg passou de R$ 84,71 no mês de fevereiro, para R$ 88,75 no mês de março, um aumento de 4,77%. Nas demais praças levantadas a variação no mês foi negativa, no Paraná redução de 8,18% no preço pago ao produtor pela saca de 60kg, em Minas Gerais a redução foi de 11,33%.

Merece destaque que, na comparação com os preços praticados há um ano, a variação para Santa Catarina foi de redução de cerca de 40%, em março de 2017 o produtor catarinense recebeu cerca de R$ 147,65 pela saca de 60kg. Para o feijão-preto, que em Santa Catarina corresponde a cerca 60% da área plantada, os preços tiveram pequena queda de 3,31% no mês de março. No Paraná, o preço recebido pelos produtores de feijão-preto teve queda de 7,56% e no Rio Grande do Sul, modesta alta de 0,40%.

Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor - safra 2017/18 (R$/60kg)

Estado	Tipo	Fev./18	Mar./18	Variação (%)	Mar./17	Variação (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	84,71	88,75	4,77	147,65	-39,89
Paraná		89,83	82,50	-8,16	121,57	-32,14
São Paulo		105,64	101,46	-3,96	137,33	-26,12
Minas Gerais		106,79	94,69	-11,33	143,29	-33,92
Goiás		95,38	88,25	-7,48	135,05	-34,65
Santa Catarina	Feijão Preto	121,43	117,41	-3,31	120,00	-2,16
Paraná		117,14	108,29	-7,56	127,02	-14,75
Rio Grande do Sul		128,59	129,10	0,40	190,04	-32,07

Nota: Feijão-preto, referência Canoinhas/SC. Feijão-carioca, referência SC Joaçaba/SC - Mar./2018.
Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que registra os preços praticados no mercado atacadista para o principal mercado brasileiro de feijão, no dia 05 de abril, a saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,0 foi comercializado a R$ 137,50/60kg o nota 8,5 foi cotado a R$ 127,50/60kg, alta de 22,2 e 22,6% em relação ao dia 07 de março, com o comportamento de mercado firme. Para o feijão-preto o mercado se manteve nominal, com variação negativa no período de 7,02% para o feijão-preto extra e 5,77% para o feijão-preto especial.

Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo				
Produto[1]	07/03/2018	05/04/2018	Variação (%)	Mercado[2]
Feijão Carioca Extra (9,0)	112,50	137,50	22,22	Firme
Feijão Carioca Especial (8,5)	104,00	127,50	22,60	Firme
Feijão Carioca Comercial (8,0)	91,50	110,00	20,22	Firme
Feijão Preto Extra	142,50	132,50	-7,02	Nominal
Feijão Preto Especial	130,00	122,50	-5,77	Nominal

[1] Feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.
[2] Comportamento do mercado em 05/04/2018.
Nota 1: Firme: preços em alta e com procura pelo produto.
Nota 2: Nominal: preços sem variação por falta ou excesso do produto.
Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

A safra de feijão 2ª safra, onde o plantio acontece entre dezembro e março, para esta safra 2017/18 está com cerca de 91% da área destinada ao plantio já semeados, deste total, cerca de 28% já está em floração. Praticamente todas as microrregiões que cultivam o feijão 2ª safra o plantio já alcançou o 100%, apenas nas microrregiões de Araranguá (65%), Criciúma (70%) e Tubarão (75%), o plantio ainda não foi concluído. Até o momento, nossas estimativas apontam que cultivaremos cerca de 21,5 mil hectares de feijão 2ª safra, com um produção esperada de 35,0 mil toneladas, produção está inferior em cerca de 16% ao que foi produzido na safra passada. Nas últimas semanas, em microrregiões mais frias, as diferenças de temperatura, com dias muito quentes e noites frias, tem prejudicado o desenvolvimento de lavouras de forma localizada.

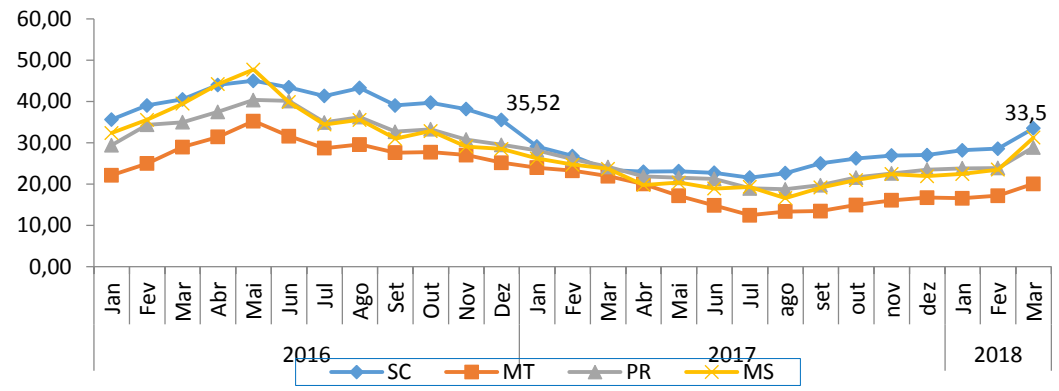
Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2016/17 e 2017/18									
Microrregião	Safra 2016/2017			Estimativa Inicial - Safra 2017/2018			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	717	722	1.007	485	437	902	-32	-39	-10
Canoinhas	3.700	6.030	1.630	2.910	5.072	1.743	-21	-16	7
Chapecó	2.248	3.582	1.593	2.091	3.378	1.615	-7	-6	1
Concórdia	64	98	1.523	84	143	1.702	31	47	12
Criciúma	3.377	3.813	1.129	3.697	3.799	1.028	9	0	-9
Ituporanga	1.465	2.638	1.801	1.500	2.396	1.597	2	-9	-11
Rio do Sul	629	1.109	1.763	623	942	1.512	-1	-15	-14
São Bento do Sul	220	238	1.080	160	192	1.200	-27	-19	11
São M. do Oeste	2.165	3.588	1.657	1.815	3.144	1.732	-16	-12	5
Tubarão	1.490	1.599	1.073	1.494	1.533	1.026	0	-4	-4
Xanxerê	9.220	18.207	1.975	6.640	14.016	2.111	-28	-23	7
Santa Catarina	**25.295**	**41.624**	**1.646**	**21.499**	**35.052**	**1.630**	**-15**	**-16**	**-1**

Fonte: Epagri/Cepa (fevereiro/2018).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

No mês de março, os preços do milho apresentaram forte valorização ao longo do mês nos principais estados produtores e consumidores. No Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina as cotações em março registraram R$ 20,05/sc, R$ 28,89/sc e R$ 33,50/sc, respectivamente. Em relação ao mês anterior, o preço apresentou em média, alta de 17,9% nestes estados. Quando comparado a março de 2017, o aumento no preço foi de 16,7%. Estes níveis de preços são os mais elevados registrados desde dezembro de 2016.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2016 a março/2018

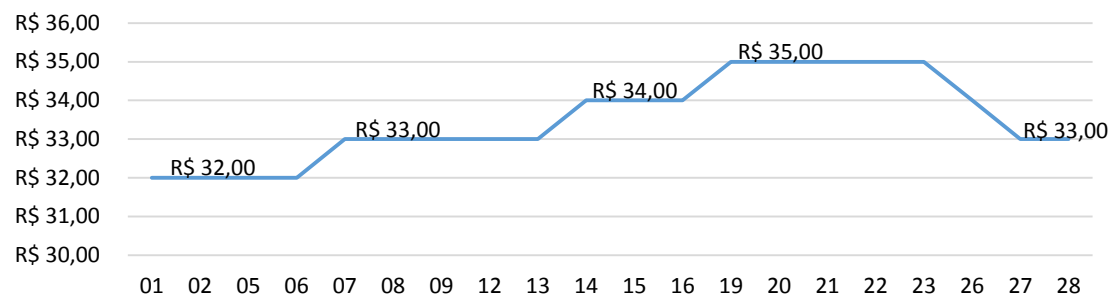
Cenário que influenciaram as altas significativas nos preços desde início do ano estão perdendo força

- As fortes altas nos preços desde fevereiro foi de certa forma surpresa no mercado, devido ao momento da colheita da safra de verão no sul do Brasil, mesmo considerando uma safra menor. As altas do frete em função dos preços dos combustíveis que tiveram reajustes em mais de 50% no último ano e redirecionamento dos fretes para colheita da soja no Centro oeste nos últimos 40 dias, com isto, o preço do milho do Mato Grosso posto na Agroindústria de SC; praticamente duplica posto na indústria em SC;
- A ocorrência de estiagem na Argentina vem influenciando os preços desde início do ano. No entanto, o mercado já absorveu grande parte da reação dos preços em março, mantendo uma certa estabilidade das cotações no final do mês. A Bolsa de Cereais de Buenos Aires mantém a previsão de produção de milho na Argentina em 32.000.000t[1] mas que ainda poderá ser ajustada.
- apesar do atraso no plantio da segunda safra no Paraná, até o momento as condições climáticas são consideradas normais, não estão interferindo na expectativa de produção. Até o dia 10 de abril 80% das lavouras da segunda safra no Paraná estavam em período vegetativo, sendo 99% em boas condições boas (Informação pessoal do DERAL-PR). No Mato Grosso do Sul, estima-se até o momento quase a mesma área plantada em comparação à safra anterior (2016/2017), ou seja, 1,8 milhão de hectares, mas

[1] Bolsa de Cereales Departamento de Estimaciones Agrícolas - Argentina. Panorama Semanal, 05/04/2018.

com uma redução de 3,8% em relação a expectativa do volume de produção de grãos, ou seja, de 9,8 milhões de toneladas na safra 2016/2017 para 9,4 milhões de toneladas na safra 2017/2018[2]. Portanto, nestes estados as atenções ficam por conta do comportamento climático nos próximos meses para o milho segunda safra;

- Com a proximidade do fim da colheita da safra de verão, a produção se confirma na casa dos 25,6 milhões de toneladas, significando 16% inferior à safra passada, números melhores do que as estimativas anteriores da CONAB[3]. Colheita em andamento em alguns estados do Sul, faltando de 20-30% de área a ser colhida;
- A informação dos volumes de exportações de milho pelo Brasil é um fator importante, nos últimos meses de 2017 e janeiro de 2018 foram elevados. No entanto, houve forte retração em março. Foram exportadas 3 milhões de t., 1,25 milhões de t. e 605 mil t. em janeiro, fevereiro e março, respectivamente (MDIC, Sistema Alice Web 2018);
- Anúncio de importações de milho da Argentina (SC) e dos EUA (RS), que permitem aos compradores de grandes volumes ficarem foram do mercado durante um bom tempo (104 mil toneladas - dados MDIC);
- Os preços do milho como matéria prima, quando superior a R$ 40,00 comprometem os custos das fábricas de ração, dos produtores de carne e das agroindústrias do setor;
- aliado a isso com a retração das exportações de carne, algumas agroindústrias do Estado anunciaram férias coletivas para os próximos meses, o que, de certa forma, retrai o consumo do cereal;
- muitos produtores analisaram a possibilidade de venda do produto, o que acabou acontecendo, liberando estoques em março, abastecendo as agroindústrias por um período;
- com isto, os preços apresentaram em março elevação até dia 20, para R$ 35,00. Porém, no final do mês recuaram a R$ 33,00. No início de abril se mantiveram estáveis em torno de R$ 34,00/sc em Chapecó, praça referência do Estado (consulta em 12/04/2018: http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=15441).
- contudo, as cotações podem seguir fortalecidas diante da dificuldade de aquisição do cereal no mercado físico e, também, devido às incertezas ligadas à oferta da segunda safra no Centro Oeste e Paraná.
- Por tudo isto, o produtor deve ficar atento ao momento de comercializar o produto, avaliando o custo de produção e na condição de valorização, mantendo uma certa margem.



Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço diário ao produtor . março. 2018 (R$/saca, praça Chapecó)

[2] Acompanhamento de Safra – Circular 252/2018 Milho-2017/2018. Fonte: APROSOJA-MS/ Sistema Famasul Elaboração: APROSOJA-MS/Sistema Famasul.

[3] Conab | Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos | v. 5 - Safra 2017/18, n.7 - Sétimo levantamento, abril 2018.

Estimativa para a safra 2017/18 – milho grão

A área de plantio de milho na safra 2017/18 está apresentando um recuo de 14,3% no Estado, em relação a anterior, bem como redução na produtividade, em torno de 7% relativo à safra passada, embora algumas regiões tem surpreendido com bons níveis de rendimento na colheita, principalmente no Norte do Estado. Os números podem sofrer alguns ajustes positivos com o término da colheita no final de abril.

Milho 1ª Safra - Estimativa 2017/18 e comparativo safra anterior 2016/17

Microrregião	2016/2017			2017/2018			Est. Atual/Safra ant. (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.209	28.766	3.990	7.734	52.686	6.812	7,28	83,16	70,72[1]
Blumenau	1.567	5.967	3.808	1.567	5.967	3.808	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	36.010	264.126	7.335	31.630	234.654	7.419	-12,16	-11,16	1,14
Canoinhas	31.400	298.370	9.502	28.800	267.460	9.287	-8,28	-10,36	-2,27
Chapecó	59.025	521.942	8.843	50.015	438.381	8.765	-15,26	-16,01	-0,88
Concórdia	23.930	201.858	8.435	22.650	170.145	7.512	-5,35	-15,71	-10,95
Criciúma	7.154	42.318	5.915	6.670	46.114	6.914	-6,77	8,97	16,88
Curitibanos	21.608	239.546	11.086	15.780	144.557	9.161	-26,97	-39,65	-17,37
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	53	196	3.698	53	196	3.698	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	11.120	78.125	7.026	8.987	58.625	6.523	-19,18	-24,96	-7,15
Joaçaba	59.684	630.233	10.560	49.130	407.583	8.296	-17,68	-35,33	-21,44
Joinville	340	1.160	3.412	340	1.160	3.412	0,00	0,00	0,00
Rio do Sul	20.930	129.932	6.208	18.525	114.099	6.159	-11,49	-12,19	-0,79
São Bento do Sul	5.000	35.200	7.040	4.400	32.960	7.491	-12,00	-6,36	6,40
São Miguel do Oeste	39.500	330.930	8.378	32.685	260.872	7.981	-17,25	-21,17	-4,73
Tabuleiro	3.457	11.801	3.414	3.457	11.801	3.414	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.705	6.764	3.967	1.705	6.764	3.967	0,00	0,00	0,00
Tubarão	4.696	22.990	4.896	5.185	31.868	6.146	10,41	38,62	25,55
Xanxerê	27.280	288.392	10.572	20.310	209.550	10.318	-25,55	-27,34	-2,40
Santa Catarina	**362.287**	**3.140.914**	**8.670**	**310.242**	**2.497.741**	**8.051**	**-14,37**	**-20,48**	**-7,14**

[1] Rendimento foi reajustado na safra.
Fonte: Epagri/Cepa.

Panorama regional:

Região Oeste - Nas regiões de Chapecó, Xanxerê e Concórdia a colheita segue está finalizando, com 96% da área colhida até dia 10 de abril. **Milho 1ª safra**: devido ao excesso de chuvas na última semana, as colheitas ficam de certa forma paralisadas. No entanto, assim que as condições de umidade do solo permitirem a entrada de máquinas, a colheita retorna para a finalização. Neste momento, não temos registros de perdas de rendimento, sendo que a produtividade confirma as estimativas, que previam rendimentos entre 7.400 kg/ha e 10.200 kg/ha. Estes valores representam redução em relação à safra anterior, porém com bons volumes. São Miguel do Oeste e Chapecó concentram o plantio de milho **2ª Safra**, com previsão de cultivo de 12.000ha. Possivelmente, grande parte deste milho na região será destinado para silagem. Áreas já em estádio de floração, sem registros de perdas.

Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos e Caçador - As chuvas não tem permitido uma evolução constante na colheita. Até o momento, 10 de abril, em torno de 72% da área plantada na região foi colhida. Os rendimentos obtidos até agora variam entre 7.200 a 10.600kg/ha. Esta variação se dá em função das chuvas irregulares ocorridas na região em alguns períodos. Mesmo assim, está sendo um pouco acima do previsto nos últimos relatórios. As lavouras plantadas cedo sofreram mais com o período de estiagem.

Campos de Lages – Trabalhos de colheita paralisada pelas chuvas mais intensas na semana. Continua a estimativa de 15 - 20% de quebra em função de fatores climáticos, especialmente estiagens em alguns períodos. Colheita com estabilização do tempo, segue em forte ritmo até final do mês.

Região Norte - Devido às chuvas constantes até a última semana (entre 25 e 31 março), em torno de 45% das áreas de milho da região se encontravam colhidas. A partir de 01 de abril , os trabalhos evoluíram significativamente, fechando em torno de 80% das áreas colhidas até o dia 07 abril. Os demais 20% são áreas de pequenas propriedades, com plantio mais tardio e que esperam a disponibilidade de máquinas para efetuarem a colheita. Também, deve-se considerar um determinado percentual de produtores que "migraram" para a colheita de soja temporariamente, aproveitando o período de sol. Os rendimentos médios obtidos atualmente na região estão na casa dos 9.624 kg/ha, contra 9.286 kg/ha previstos inicialmente (3,6% maior). Apesar do período de estiagem no mês de setembro/17, as chuvas em dezembro/janeiro (floração/granação) contribuíram para mais um ano de boa produtividade na região.

Alto Vale do Itajaí - Até o momento (15 abril), 75% das lavouras estão colhidas . Com tempo firme, os produtores estão empenhados nesta atividade. O rendimento médio é de 6.500 a 7.500 kg/ha.

Sul do Estado - As condições climáticas favoráveis (calor e umidade) estão permitindo o bom desenvolvimento das lavouras da segunda safra (2017/18), cujo o plantio se concentra em fevereiro e início de março.

Milho 2ª safra - Com os preços em elevação desde o início do ano, o plantio da segunda safra de milho poderá ser estimulado. No entanto, a estimativa inicial é semelhante à área cultivada na safra anterior, ou seja, 16.000ha. Há possibilidades de este número ser reajustado no próximo boletim.

Milho 2ª Safra - Estimativa safra 2018 e comparativo safra anterior 2017

Microrregião	Safra 2017			Estimativa inicial - 2018			Variação 2017/2018		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)
Araranguá	880	4.418	5.021	910	5.389	5.922	3,4	22,0	17,9
Chapecó	5.904	33.233	5.629	5.904	42.175	7.143	0,0	26,9	26,9
Concórdia	700	3.180	4.543	700	4.900	7.000	0,0	54,1	54,1
Criciúma	1.066	5.881	5.517	864	4.728	5.472	-18,9	-19,6	-0,8
Tubarão	894	4.975	5.564	904	5.053	5.590	1,1	1,6	0,5
Xanxerê	720	4.482	6.225	720	5.150	7.153	0,0	14,9	14,9
Santa Catarina	**16.074**	**85.639**	**5.328**	**16.022**	**101.380**	**6.328**	**-0,3**	**18,4**	**18,8**

Fonte: Epagri/Cepa.

Panorama estadual

No âmbito estadual, na primeira semana de abril (05/04/2018) 76% de milho grão já estava colhido no Estado, em especial no Oeste e Extremo Oeste, onde a colheita está praticamente finalizada. A estiagem nas regiões do Extremo Oeste (em setembro) e Campos Novos (em dezembro) deverá resultar quebra no rendimento de 10 a 15%, comparativamente à safra anterior. No contexto geral, o prognóstico realizado pela Epagri/Cepa em setembro/2017 está se confirmando, ou seja, a produção da safra atual deverá ser 20,4% inferior frente ao período anterior, que foi excelente, de acordo com o acompanhamento sistemático das últimas cinco safras. *Há que se ressaltar este aspecto, pois, considerando a média do*

rendimento das últimas 3 safras, que foi de 7.880 Kg/ha[4], a atual safra pode ser considerada normal, com perspectivas de fechar com rendimento próximo a 8.000 Kg/ha.

Climatologia - (o que se espera para época do ano[5])

A partir de abril, as frentes frias chegam com mais frequência ao Sul do Brasil, sendo responsáveis pela maior parte da chuva em Santa Catarina. A média mensal em abril, maio e junho é de **120 mm a 170mm** no Extremo Oeste, Oeste e Meio Oeste, mais altos no Extremo Oeste e em junho. No Planalto Norte, Planalto Sul, Vale do Itajaí e Litoral Norte a média mensal é de **90 mm a 110 mm** ,variando de**70 a 90 mm** no Litoral Sul e Grande Florianópolis.

Safra nacional

As boas condições climáticas registradas até o momento no Mato Grosso, em especial, tem gerado uma inversão na expectativa negativa, de muitos agentes do mercado, sobre a segunda safra, uma vez que houve atraso de mais de 15% no plantio do cereal, indicando que poderia haver perdas por seca em alguns estados produtores. Esse contexto é importantíssimo para os produtores de milho, que detém estoques e que estão comercializando pontualmente a preços acima da paridade de exportação atual, apostando em uma possível quebra de safra. No entanto, até o momento as condições são boas, podendo provocar pressão de baixa dos preços em médio prazo. Isso porque os estoques disponíveis, quando se insere o que foi colhido até o momento, retirando a estimativa mensal de consumo e o estoque governamental, já devem estar por volta de 18,5 milhões de toneladas[6], no mínimo, evidenciando que há estoque para atendimento do setor de carnes. O que não está ocorrendo é uma comercialização acentuada e, por isso, há muita especulação nos preços, propiciando, inclusive, uma importação de milho para destravar as negociações (104 mil toneladas- MDIC).

Balanço de oferta e demanda

Ano-safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.639,8	18.883,2	6.949,9
2016/17(1)	6.949,9	97.842,8	950,0	105.742,7	56.165,3	30.835,2	18.742,1
2017/18(1)	18.742,1	88.006,7	400,0	107.148,8	58.500,0	30.000,0	18.648,8

(1) Estimativa em março/2018.
Fonte: Conab.

Abastecimento de milho em Santa Catarina – ALESC realiza debate

A queda da produção de milho em Santa Catarina se tornou preocupação constante para produtores de suínos e aves do Estado, bem como para o Governo do Estado. A preocupação se justifica, primeiro, pelo aumento do preço associado à escassez do grão, como ocorreu em 2016, que fez com que agroindústrias catarinenses se deparassem com a falta de alimentos nos aviários – ocasionando perdas na produção. Há

[4] Informações do Sistema de Acompanhamento de Safras, Epagri/Cepa, 2015-2018.

[5] http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141

[6] Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 5 - Safra 2017/18, n.7 -Sétimo levantamento, abril 2018.

um amplo déficit entre o consumo e a produção de milho catarinenses. No ano de 2016, a demanda pelo grão totalizou 6,6 milhões de toneladas, enquanto a oferta fechou em 3,3 milhões de toneladas. Em segundo lugar, a produção animal no estado de Santa Catarina o contribui significativamente na formação do Valor Bruto da Produção Agropecuária. Dos R$ 29,57 bilhões estimados para o VBP do ano de 2017, 60% são provenientes da produção animal (Síntese Agropecuária, 2017). A falta do grão no Estado leva a compra do produto em outros estados e países, o que corriqueiramente gera maiores custos, além do risco de escassez.

Diante deste cenário, a Comissão de Agricultura e Política Rural da Assembleia Legislativa de Santa Catarina organizou uma audiência sobre o tema dia 28 de março 2018, da qual participaram representantes do governo do Estado, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e de entidades ligadas à agricultura e pecuária.

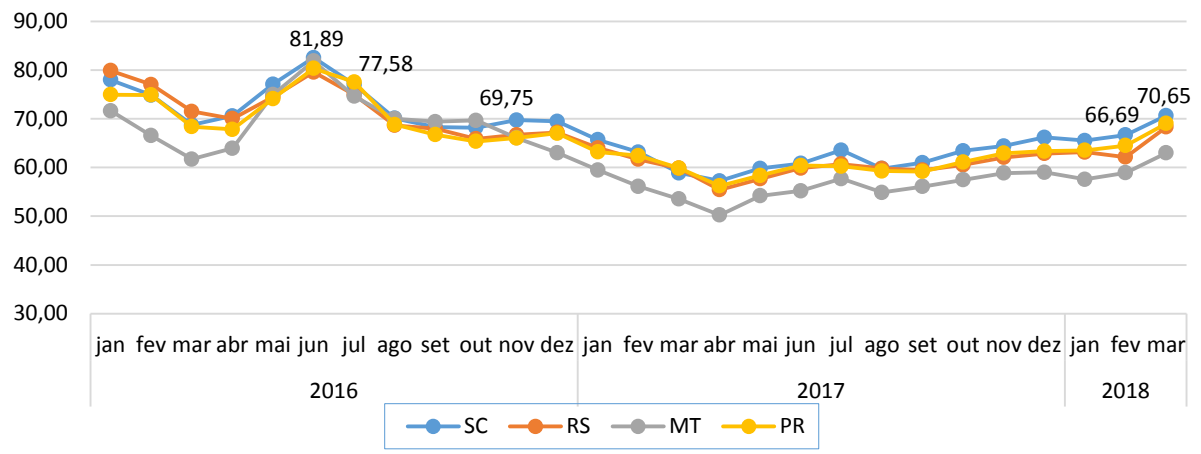
A acentuada elevação dos preços em fevereiro/março provocaram esta reunião. No entanto, o Brasil deve contar neste ano com uma produção satisfatória de milho, com estoques suficiente para abastecer o consumo interno do país e, ainda, direcionar 30 milhões de toneladas para exportação. Parte deste montante, poderia ser direcionado para Santa Catarina, mas os custos em frete e ICMS tornam mais viável importar o insumo da Argentina e Paraguai. A Secretaria da Agricultura está em tratativas visando facilitar o comércio com os países sul-americanos, em especial na viabilização da rota do milho, com o cereal vindo do Paraguai, que tem produção excedente.

Há necessidade de se tratar o tema por meio de uma comissão permanente, analisando a evolução da produção de milho em Santa Catarina e propondo alternativas para a ampliação da produção do grão no Estado, bem como no âmbito das políticas públicas e integração com setor produtivo.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Em março, a soja apresentou uma forte elevação nos preços pagos aos produtores nas principais praças dos estados produtores, registrando R$ 62,99, R$ 69,05 e R$ 68,33 (saca de 60kg)no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de fevereiro, os preços tiveram reajuste médio de 4,9%. nestes estados. No comparativo com o mês de março de 2017, a variação média dos preços nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de 15,3%. Em Santa Catarina os preços apresentaram comportamento semelhante, com alta de 3,9% entre fevereiro e março de 2018, com a saca cotada em R$ 66,69 e R$ 70,65, respectivamente. Com isto, os preços praticados são os maiores desde julho de 2016.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS).

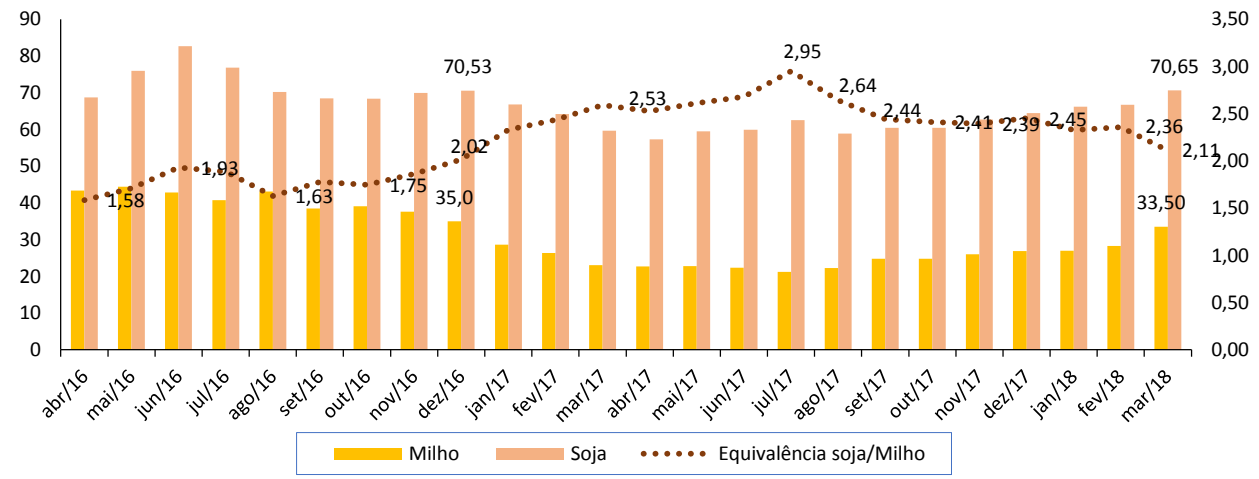
Soja – Preço médio mensal da soja em grão ao produtor - MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a março 2018

A produção de soja em Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas, em 658 mil hectares. Para a safra 2017/18 está se confirmando uma expansão na área cultivada, com a leguminosa , com incremento de 8,1% em relação a safra 2016/17. Assim, deverá alcançar 706 mil hectares cultivados, com produção de 2,5 milhões de toneladas (Tabela estimativa atual de área...). Este aumento na área cultivada vem da redução de área plantada com milho, de pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas, ao longo dos anos.

Relação soja x milho

Os preços do milho e da soja aumentaram em Santa Catarina desde dezembro de 2017 em 24% e 7%, respectivamente. Como o aumento no preço do milho foi maior do que no preço da soja, a relação de equivalência entre o preço dos dois produtos diminuiu consideravelmente desde então. Considerando os custos de produção e o retorno obtido com a produção de soja, essa relação de equivalência neste mês foi igual a 2,11, ou seja, o preço da soja é um pouco mais do que o dobro do preço do milho. Desde dezembro de 2016 não tínhamos uma relação neste patamar. Mantida esta relação nos próximos meses, fará com que o agricultor reavalie a opção de plantar soja ou milho. Ainda é cedo para o produtor decidir a próxima

safra, mas, mantida esta relação, espera-se que a área destinada à produção do milho mantenha uma estabilidade.



Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução da Relação Equivalência soja x milho – abril 2016 a março 2018

Fatores que influenciam mercado no período

- **A estiagem na Argentina**: a Bolsa de Cereales do Departamento de Estimaciones Agrícolas[7] reporta, no seu relatório de 5 de abril: "*Los bajos rendimientos recolectados sobre las regiones núcleo reducen la proyección de producción a 38.000.000 toneladas, un 34% menos que el ciclo prévio. El avance de cosecha alcanzó el 15,3 % de la superficie apta con un rinde medio nacional de 24,4 qq/ha*". Cabe ressaltar que em 2016/17 os produtores argentinos colheram 57,8 milhões de toneladas de soja.

- **Relatório divulgado pelo USDA** no dia 10 de abril. Destaque para redução dos estoques finais norte-americanos de soja, bem como os globais.

- **Política protecionista**: recentemente anunciadas pelos Estados Unidos, as sobretaxas nas importações americanas repercutiram, principalmente, nas relações comerciais entre China e USA. com isso, o produtor brasileiro ganha com a preferência na compra da soja do Brasil pela China. Os prêmios nos portos para a soja do Brasil, maior exportador global do produto, subiram mais ante os contratos futuros de Chicago no dia 04 de abril, atingindo 1,74 dólar por bushel em Paranaguá, alta de 47 centavos ante o dia 03/04., segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Esalq/Cepea).

- **No Brasil**, a evolução da colheita da nova safra começa a ganhar um ritmo melhor, revelando, também, produtividades ótimas na maior parte dos Estados. No geral, a boa safra brasileira é um fato e o mercado deve dar maior atenção nas próximas semanas, acompanhando as condições climáticas.

- A estimativa atual da colheita de grãos no Brasil (CONAB) reporta que a atual safra será a segunda maior da história, com uma produção de 229,5 milhões de toneladas. Os números estão no 7º Levantamento da

[7] Bolsa de Cereales Departamento de Estimaciones Agrícolas, Panorama Agrícola Semanal, 4 de abril, Buenos Aires.

Safra de Grãos 2017/2018, divulgado na terça-feira, 10/04. A soja é a maior responsável pelo bom desempenho da produção. A leguminosa deve alcançar 114,9 milhões de toneladas, segundo a CONAB. No entanto, algumas consultorias já apostam em safra próximo de 119 milhões de toneladas.

Soja – Estimativa atual de área, rendimento e produção da safra 2017/18 e comparativo safra 2017/18

Microrregião	2016/17			2017/18 - Fev. 2018			Est. Atual / Safra anterior (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	59.770	199.292	3.334	61.930	216.606	3.498	3,6	8,7	4,9
Canoinhas	127.100	485.670	3.821	140.300	500.480	3.567	10,4	3,0	-6,6
Chapecó	88.512	292.035	3.299	96.165	313.165	3.257	8,6	7,2	-1,3
Concórdia	5.617	20.309	3.616	6.142	23.098	3.761	9,3	13,7	4,0
Curitibanos	107.680	448.976	4.170	113.008	439.691	3.891	4,9	-2,1	-6,7
Ituporanga	7.690	30.174	3.924	7.740	27.688	3.577	0,7	-8,2	-8,8
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	255.994	3.783	18,7	7,7	-9,3
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.015	14.072	3.505	2,0	2,6	0,6
São Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	15.700	51.000	3.248	4,7	2,2	-2,4
São M. do Oeste	42.790	128.454	3.002	45.630	145.402	3.187	6,6	13,2	6,1
Xanxerê	138.650	491.408	3.544	148.160	522.050	3.524	6,9	6,2	-0,6
Santa Catarina	**653.754**	**2.397.601**	**3.667**	**706.454**	**2.509.247**	**3.552**	**8,1**	**4,7**	**-3,2**

Fonte: Epagri/CEPA, Sistema Acompanhamento Safras, Fev. 2018.

Panorama regional:

Região Oeste

Nos municípios que representam as Microrregiões de Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste a colheita já se encontra em fase final. Registro de 98% da área colhida em 10 de abril. As demais lavouras estão em pré-colheita. Os trabalhos de colheita se intensificaram nos últimos 15 dias na região. Rendimentos das lavouras mantendo um rendimento um pouco inferior (-1,3%) em relação a safra passada, registros de produtividade de 3.500-4.000 kg/ha em média. Os preços em elevação no último mês tem animado produtores.

Campos Novos, Curitibanos e Caçador

De forma geral, as lavouras estão sendo avaliadas como boas e ótimas. Em algumas áreas ocorreu incidência de "mofo branco ou esclerotinia", doença causada pelo fungo *Sclerotinia sclerotiorum*, que apresenta alto potencial de prejuízo à cultura da soja. Mas não é o caso neste ano, pois está ocorrendo em áreas novas. Possivelmente nestas áreas mais afetadas teremos quebra de produção. Registro de 35% da área colhida na região até 10 de abril. Produtividades registradas de 45-70 sc/ha. Chuvas mal distribuídas e incidência de mofo branco justificam a oscilação nos rendimentos.

Campos de Lages: Relato de chuvas insuficientes em janeiro na região, poderão comprometer a produtividade esperada. Segundo relatos de técnicos de Cooperativas, o principal fator que afetará a produtividade da soja não será o período de estiagem, mas sim o período de dias nublados que ocorreu no inicio do ciclo, o que determinou a perda de folhas da região do baixeiro das plantas, afetando, principalmente, o tamanho de grãos. A estimativa inicial de perda de produtividade está em torno de 10-15%, com tendência a subir. Além disso, a incidência do mofo branco em algumas lavouras de São José do Cerrito pode contribuir nesta redução.

Região Norte (Canoinhas, Mafra): nas últimas duas semanas, os trabalhos de colheita avançaram rapidamente. Na primeira semana, 75% das áreas estavam colhidas, com estimativas de fechar a atual semana (8 a 14 abril) entorno dos 90%. Os rendimentos médios obtidos na região apontam para redução de 9,0% em relação a safra anterior (3.470 kg/ha atual contra 3.813kg/ha na safra anterior). Esta produtividade deverá sofrer variações (para mais ou para menos) até a conclusão das áreas restantes. Segundo técnicos e produtores da região, a falta de "luminosidade" por conta dos excessos de chuvas em dezembro/janeiro, em pleno período de floração, ocasionou o "abortamento" floral das plantas. Apesar da redução de produtividade, os preços atuais praticados (R$ 75,00 a R$ 78,00) por saca de 60kg tem compensado a "perda" e produtores se mostram otimistas com os resultados.

Estado: O ritmo de colheita alcançou 66% até 10 de abril no Estado. Nas áreas restantes, as lavouras estão em fase enchimento de grãos e maturação. Problemas pontuais de estiagem na região de Campos de Lages e ocorrência de “mofo branco” em outras poderão indicar rendimentos um pouco inferiores frente a safra anterior (em torno de - 3% - Tabela estimativa atual Soja). No entanto, em função do crescimento da área cultivada, a produção total do Estado deverá apresentar crescimento frente à safra anterior. Ressaltamos que o primeiro relatório semanal de abril das regiões produtoras registraram quedas no rendimento esperado, muito em função da intensificação dos problemas acima relatados que serão contabilizados no próximo relatório.

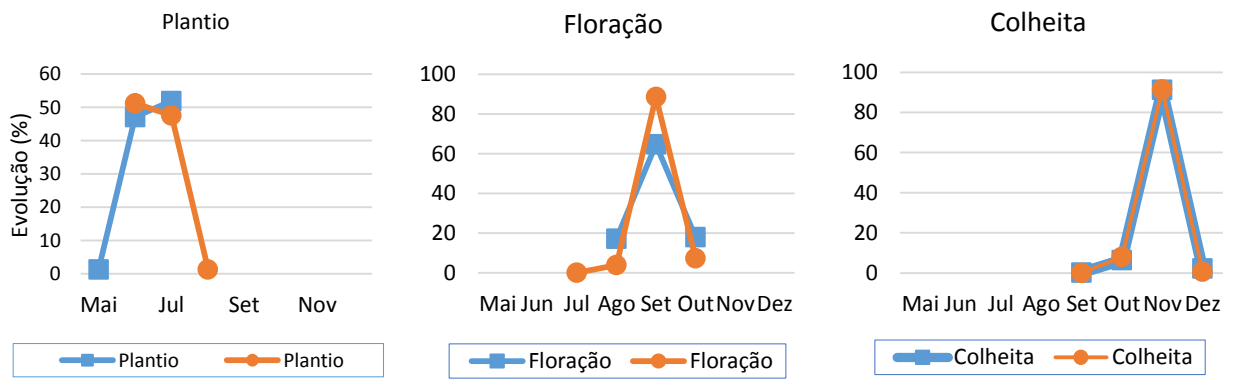
Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

A safra de trigo 2017/18 foi marcada por uma acentuada queda na área plantada e na produção estadual. Quando comparada à safra passada esta redução chega a 23% e 44%, respectivamente. Os baixos preços pagos aos produtores, aliado a problemas recorrentes de frustração de safras em função de ataque de pragas e doenças, decorrentes da ação de eventos climáticos extemos, como excesso de chuvas e/ou granizo, tem desestimulado os produtores a investir na cultura.

Comparando-se a evolução de plantio das safras 2017/18 e 2016/17, podemos verificar que o comportamento se deu de forma inversa. Enquanto na safra 2017/18 a falta de umidade levou os produtores a retardar o plantio ao máximo, concentrando-se no mês de junho, com registros de plantio em percentuais superiores a 50% em todo o Estado, e se encerrando tardiamente, no mês de agosto, na safra 2016/2017, ano com "safra cheia" e sem problemas climáticos importantes, o plantio ocorreu de forma normal, iniciando lentamente em maio e ganhando espaço ao longo dos meses, com o plantio maior em julho.

Já a floração apresentou comportamento bastante similar na comparação das duas safras, com modesto alongamento dessa fase na safra 2017/18, quando a estiagem que assolava as regiões produtoras dificultaram a implantação das lavouras. Ao final da safra, com a colheita, podemos observar que não houve diferença no comportamento dessa fase para as duas safras, com evolução de colheita idêntico nas safras 2016/17 e 2017/18.



Fonte: Epagri/Cepa.

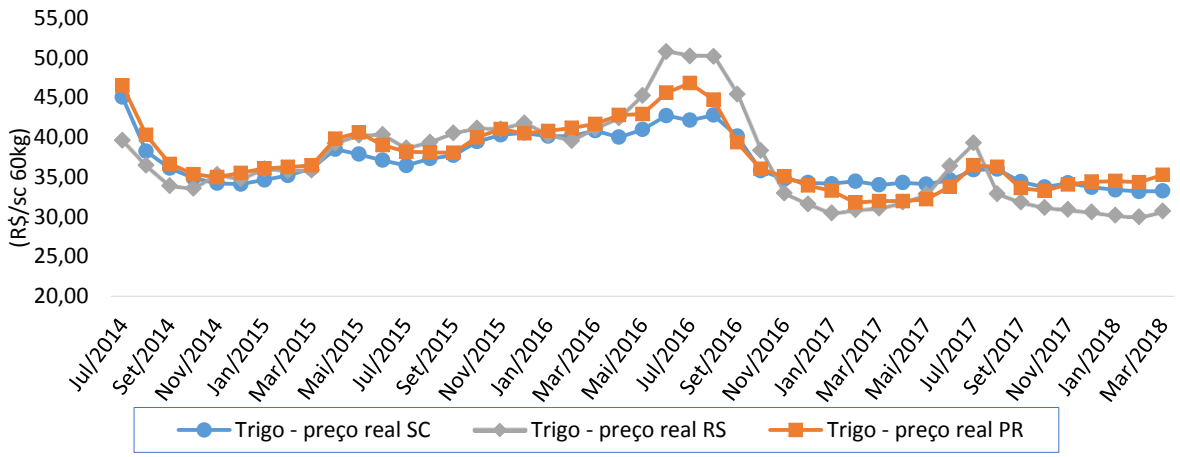
Trigo – Comparação da evolução do plantio, floração e colheita – safras 2016/17 e 2017/18

No mercado balcão, o preço da saca de 60kg do trigo grão pago ao produtor teve ligeira queda na comparação entre os meses de fevereiro e março, para os principais estados produtores. Em Santa Catarina, houve modesta alta de 0,76%, no Paraná alta de 3,19%, no Rio Grande do Sul alta de 2,95% e em São Paulo alta de 5,16%. No nosso estado, na comparação entre os meses março de 2016 e de 2017, os preços praticados foram 1,48% menores do que aqueles praticados há um ano.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor - safra 2017/18 – R$/saca de 60kg					
Estado	**Mar./2018**	**Fev./2018**	**Variação mensal (%)**	**Mar./2017**	**Variação anual (%)**
Santa Catarina	33,25	33,00	0,76	33,75	-1,48
Paraná	35,25	34,16	3,19	31,73	11,09
Rio Grande do Sul	30,70	29,82	2,95	27,97	9,76
São Paulo	41,95	39,89	5,16	37,10	13,07

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional. (*) valor estimado.
Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Mar./2018.

Analisando-se o comportamento dos preços da safra 2013/14 até a safra 2017/18, já concluída, podemos observar uma nítida tendência de baixa nos preços pagos aos produtores em Santa Catarina. Com os preços corrigidos pelo IGP-DI, podemos observar que, mesmo descontada a inflação ao longo da série analisada, fica evidente a diminuição crescente dos valores recebidos pelos produtores de trigo ao longo do tempo. Somos tradicionais compradores de trigo do mercado externo e, nos últimos anos, especialmente do mercado Argentino. Como o trigo é uma *commodity*, para que o produtor brasileiro tenha uma melhor remuneração pela sua produção, deverá contar com a elevação do dólar, aspecto que favorecerá o produtor brasileiro e catarinense, na medida em que os compradores brasileiros, certamente, darão prioridade para compras de trigo de boa qualidade no mercado interno.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo Grão – Evolução do preço – Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul (jul./2014 – mar./2018)

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Dificuldades na comercialização da safra é o desafio dos produtores catarinenses

Os produtores continuam as atividades de beneficiamento e acondicionamento do produto para a comercialização, cuja produção é oriundo de aproximadamente 2.500ha de área plantada (Epagri/Cepa/2017).

O estado de Santa Catarina representou aproximadamente 22% da área de produção no Brasil na safra 2017, segundo dados do IBGE. Em relação à safra anterior, o Estado teve um incremento de 20% na área plantada, impulsionada, especialmente, pelos bons resultados econômicos e produtivos da safra 2016/2017.

Em Santa Catarina, a hortaliça é produzida basicamente por agricultores familiares, que utilizam pequenas áreas e essencialmente mão-de-obra familiar. Nos picos de demanda de trabalho é usada mão-de-obra local contratada ou mesmo vinda de diversas regiões do país. Dentre outras, estas características da produção catarinense de alho refletem o nível de importância socioeconômica da cultura para o Estado.

Como já registrado anteriormente, a safra que ora está sendo comercializada teve seu ciclo de desenvolvimento produtivo afetado, em períodos críticos para a cultura, pela falta de chuvas, ocasionando déficit hídrico nas lavouras. Como reflexos destas condições, o produto apresenta maior percentagem de bulbos de menor calibre, embora de muito boa qualidade sanitária, com coloração intensa e boa textura. Dentre outras consequências desta situação, os produtores tiveram significativo aumento nos custos de produção, em função da necessidade de intensificar o uso da irrigação.

Em relação a conjuntura geral de mercado, a oferta está em alta, o que, aliada à queda dos preços internacionais, ocasionou redução dos preços pagos aos produtores. Neste sentido, a dinâmica de comercialização da safra catarinense enfrenta pouca movimentação de negócios nas últimas semanas.

As informações coletadas a campo pelos nossos agentes de mercado e técnicos da extensão rural junto a diversos parceiros e cooperativas de comercialização, mostram que os preços pagos aos produtores permanecem nos patamares do mês passado e com tendência de baixa nesse te momento. Os preços pagos aos produtores continuam no patamar do mês passado quando ficaram R$ 1,00/kg abaixo da classe (Ex.: alho classe 5,00 - seu preço ficou em R$ 4,00/Kg e assim por diante).

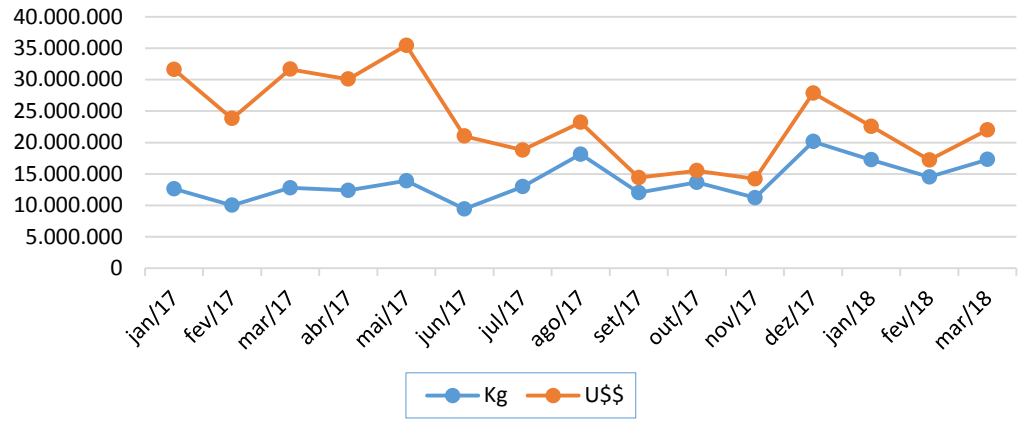
Conforme comentamos em boletins anteriores, este quadro estava sendo sinalizado por diversos analistas de mercado e, até mesmo, por organizações ligadas aos produtores, tendo como base aumentos nas áreas plantadas em diversos países, inclusive no Brasil e em Santa Catarina, bem como nas condições climáticas mais favoráveis em países exportadores, como a China, que recuperou sua produção após a safra anterior ter sofrido perdas por estiagem.

As importações de janeiro a dezembro de 2017 foram de 159,20 mil toneladas, contra um volume de 172,97 mil toneladas em 2016, representando uma queda de 8%. Por outro lado, ao compararmos os valores do primeiro trimestre de 2018 com o mesmo período dos anos anteriores, temos um comportamento das importações muito semelhante ao início de 2016, isto é, há uma recuperação de espaço do alho importado no mercado brasileiro (Tabela).

Esta conjuntura é proporcionada pela maior oferta mundial do produto e com a consequente redução dos preços internacionais em relação a safra anterior.

O preço médio FOB declarado por kg de alho no mês de fevereiro de 2018 foi de US$ 1,18/kg. Já no mês de março, o preço registrado foi de U$ 1,27/kg, uma recuperação de 7,09 %, mas ainda muito distante dos preços ocorridos nos anos anteriores.

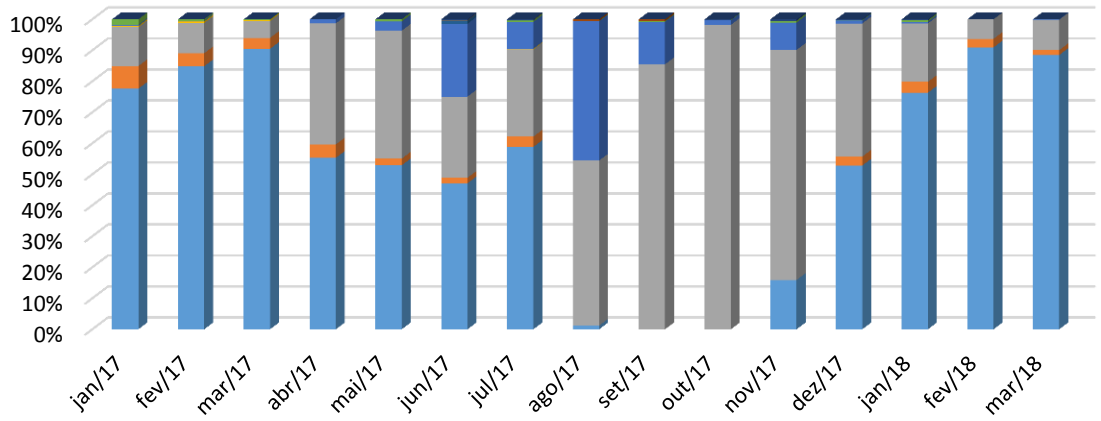
A internalização do alho importado, cujo volume foi de 17,28 mil toneladas no mês de março/18, teve um valor total registrado de US$ 22,00 milhões, conforme pode ser visto na figura abaixo.



Fonte: Aliceweb/MDIC: março/2018.

Importação de alho pelo Brasil mês a mês - 2017 e jan. Mar/2018

Na figura abaixo se apresentam os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de março de 2018 o principal fornecedor continuou sendo a Argentina, com 15,28 mil toneladas, perfazendo 88,42 % do total do alho importado, seguido da China, com 1,7 mil toneladas, atingindo 9,84%. O restante do produto, 1,74%, foi fornecido pelo Chile e Estados Unidos.



Fonte: Aliceweb/MDIC: abril/2018.

Participação (%) dos países fornecedores de alho ao Brasil - jan. a dez. 2017 e jan./mar 2018

Comparando-se os anos de 2016 e 2017 com o primeiro trimestre de 2018, percebe-se que em 2016 houve a internalização das 172,97 mil toneladas de alho, a um custo de US$ 328,51 milhões, contra US$ 287,52 milhões em 2017, com a importação de 159,20 mil toneladas. Estes dados mostram que o custo médio FOB registrado por quilo baixou de U$$ 1,89/kg em 2016 para US$ 1,80/kg no ano de 2017. Por outro lado, no primeiro trimestre de 2018, o custo médio FOB registrado por kg de alho importado foi de US$ 1,26. Estes dados demonstram queda significativa nos preços internacionais, com consequências negativas para os produtores catarinenses e brasileiros. Este cenário sinaliza que deveremos ter a continuidade, pelo menos no curto prazo, das dificuldades para comercialização da atual safra catarinense.

Brasil - Importações de alho – 2016-18 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	**172,97**
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	**159,20**
2018	17,24	14,53	17,28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	**49,05**

Fonte: Aliceweb/MDIC: março/2018.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Comercialização em fase final e preços em alta ao produtor em Santa Catarina

O estado de Santa Catarina, mesmo com as dificuldades enfrentadas na safra 2015/16, mantém a posição de maior produtor nacional de cebola, com área plantada acima dos 20 mil hectares. Esta posição é fruto dos avanços tecnológicos, infraestrutura produtiva das unidades familiares de produção, associada à cultura e conhecimento técnico e inserção nos mercados dos agricultores familiares.

A colheita da safra 2017/18 da cebola catarinense foi finalizada em todas as regiões de importância para a cultura.

A safra catarinense é comercializada, geralmente, até os meses de abril/maio, com alguma extensão deste período para os meses seguintes, a depender do volume ofertado e de alguns fatores relacionados, especialmente ao mercado, como importações, e o consumo. Com volume de produção e oferta da hortaliça menor na presente safra em relação à safra passada, a comercialização tende a ser encerrada mais cedo.

Como amplamente divulgado, a produção estadual desta safra foi atingida pela falta de chuvas em período crítico do desenvolvimento da cultura. Embora a boa estrutura de irrigação presente em grande número de propriedades, essa condição climática afetou importantes aspectos produtivos e a qualidade comercial da hortaliça. A principal consequência foi a maior presença de bulbos de menor diâmetro (classe 2), que normalmente tem menor preço no mercado.

Conforme temos salientado em boletins anteriores registramos, novamente, um importante fato que deve impactar o comércio dessa hortaliça no Brasil,. A implantação da Letec, conforme resolução de 05/12/17 da Camex/MDIC, tende a impulsionar positivamente a cadeia produtiva da cebola no Brasil nos próximos anos. A taxa de importação para a cebola oriunda de países não pertencentes ao Mercosul foi fixada em 25% para o ano de 2018, 20% para o ano de 2019 e 15% para o ano de 2020. De qualquer maneira, nos próximos períodos são necessários estudos e análises para compreender se a medida tem atingido os objetivos que se propôs.

Nos anos em que a "proteção" da produção no Brasil estiver em vigor, o setor e a cadeia produtiva terão um grande desafio. Os produtores e os principais atores da cadeia produtiva precisarão implantar as mudanças estruturais, inovações e avanços tecnológicos necessários para atingir novos patamares de eficiência econômico-produtiva para, então, poder fazer frente aos desafios de um mercado cada vez mais competitivo.

Em relação ao mercado da cebola, após uma certa retração nos preços e mercado pouco movimentado nas primeiras semanas de março, no final do mês e início de abril o mercado reagiu positivamente. Nas regiões de Ituporanga e Rio do Sul, centro da produção da cebola catarinense, o preço pago aos produtores está girando nesse início de mês entre R$ 1,50 e R$ 2,00/Kg, conforme levantamento de campo da Epagri/Cepa. A comercialização do produto no Estado já ultrapassou de 90% do volume produzido.

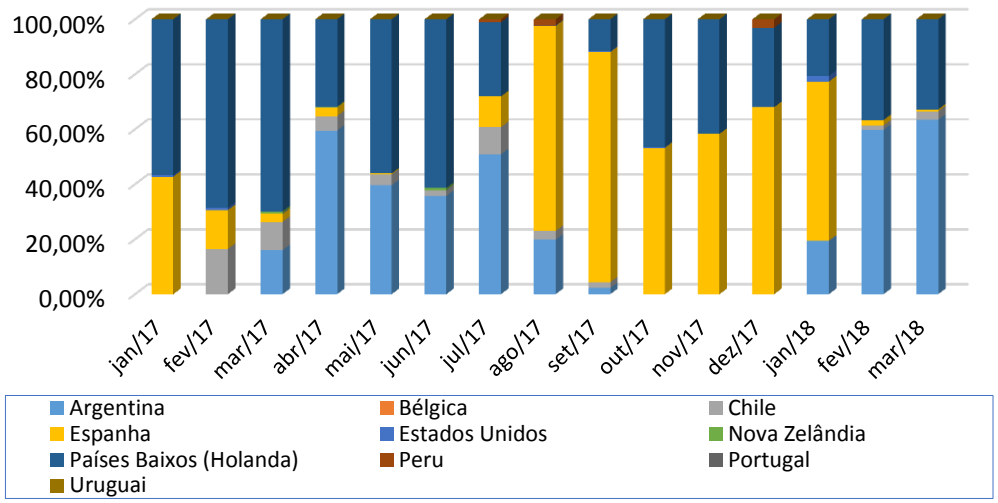
Quanto ao mercado nacional, a conjuntura foi muito semelhante à catarinense. A cebola sulista era a que vinha abastecendo o mercado e com a finalização em andamento da comercialização de sua safra, contribuiu para a melhoria de preço ao produtor.

No mês de março, como pode ser observado pelos números das importações de cebola, ocorreu um incremento da internalização da hortaliça oriunda da Argentina e da Holanda, em volume bem superior ao registrado no mês anterior, ocupando espaço em função do mercado aquecido.

Na Ceagesp, maior central nacional de abastecimento e balizadora referencial de preço, a hortaliça nacional (bulbo médio) foi comercializada nas últimas semanas com preços variando de R$ 2,22 a R$ 2,44/kg. Na mesma central, o preço da cebola argentina no período variou de R$ 2,25 a R$ 2,48/Kg e a cebola holandesa ficou entre R$ 1,80 e R$ 2,10/Kg, muito pela baixa qualidade do produto.

Na Ceasa/SC os preços no atacado nesta semana, para a cebola classe 3, atingiram patamares de R$ 1,72/Kg a R$ 2,25/Kg, acréscimo de 14,66 a 42,40% em relação as primeiras semanas do mês de março.

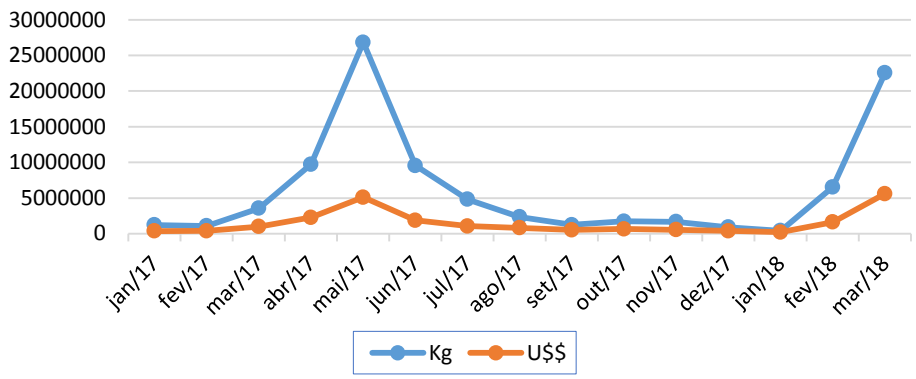
No tocante a importação de cebola para o Brasil, no mês de março a entrada foi comandada pelas cebolas argentina e holandesa, como pode ser visto no Figura abaixo. Em relação ao volume internalizado, tivemos no mês de janeiro um volume de apenas 417,35 toneladas, Em fevereiro o total passou para 6.549 mil toneladas e no mês de março houve novo crescimento, atingindo a marca de 22.546 mil toneladas, com valor dispendido de US$ 5,588 milhões.



Fonte: Aliceweb/MDIC – abril/2018.

Participação (%) dos Países fornecedores de cebola ao Brasil - Mês a Mês

As importações de cebola em março/18 apresentam um crescimento significativo para o mês, pois atingiram o montante de 22,546 mil toneladas, pois, comparadas ao mês de março de 2017, quando houve importação de pouco mais de 3,5 mil toneladas, representam um crescimento é de mais de 600% em volume.



Fonte: Aliceweb/MDIC – abril/2018.

Importação de cebola pelo Brasil mês a mês - 2017 e jan./mar - 2018

O mercado brasileiro de cebola tem relação direta com o volume da produção interna, a sazonalidade e o fluxo e dinâmica das importações, bem como o aproveitamento da logística de transporte que os países exportadores potencializam, tendo como exemplo a Holanda.. Nesse sentido, as importações realizadas nos meses de fevereiro e março de 2018 apresentaram um crescimento significativo em relação ao que vinha ocorrendo até o momento. Este crescimento chama a atenção, pois, como registramos anteriormente, está em vigor a LETEC desde dezembro de 2017, com taxação significativa para entrada de produto oriundo de países fora do Mercosul.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Conforme já detalhado no Boletim Agropecuário nº 58, em março foi deflagrada uma operação da Polícia Federal denominada "Trapaça", que se constitui num desdobramento da Operação Carne Fraca. O foco central dessa ação era a investigação de supostas adulterações em exames laboratoriais para detecção de bactérias do gênero *Salmonella*. Num primeiro momento, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) determinou a suspensão das exportações dos frigoríficos envolvidos para os destinos onde são exigidos requisitos sanitários específicos de controle da *Salmonella*. Posteriormente, o Mapa suspendeu a autorização para exportação de carne de frango para a União Europeia de todas as unidades da empresa BRF. Em Santa Catarina, a BRF possui 3 unidades que exportavam carne para a União Europeia, localizadas em Concórdia, Chapecó e Capinzal.

Em 2017, o Brasil exportou 323,58 mil toneladas de carne de frango para a Europa, o que representa 7,65% da quantidade exportada pelo país naquele ano. Desse total, 147,88 mil toneladas eram oriundas de Santa Catarina (15,23% de toda a carne de frango exportada pelo estado no ano passado).

Como resultado mais imediato dessa nova crise enfrentada pelo setor, diversas unidades anunciaram a paralisação temporária de suas atividades e a concessão de férias coletivas aos seus empregados. O primeiro caso em Santa Catarina foi o abatedouro de Capinzal, da BRF, onde cerca de 3.000 trabalhadores entrarão em férias a partir do início de maio. Outras unidades da BRF que também concederão férias coletivas são Mineiros (GO), Rio Verde (GO) e Carambeí (PR).

Posteriormente, a Aurora Alimentos também anunciou que dará férias coletivas de 30 dias aos trabalhadores da unidade de abate e processamento de aves de Abelardo Luz (SC) no mês de junho. Segundo nota divulgada pela cooperativa, "a medida tornou-se necessária em razão do difícil momento que vive o setor de produção de proteína animal no Brasil desde agosto do ano passado". A nota aponta como principais problemas a alta no preço do milho, as recentes restrições para a exportação de carne de frango e a demanda enfraquecida do mercado interno. A unidade de Abelardo Luz abate 33,5 milhões de frangos por ano, respondendo por 13,4% do total dos abates da Aurora. A cooperativa irá avaliar nos próximos meses se haverá necessidade de ampliar a medida para outras unidades.

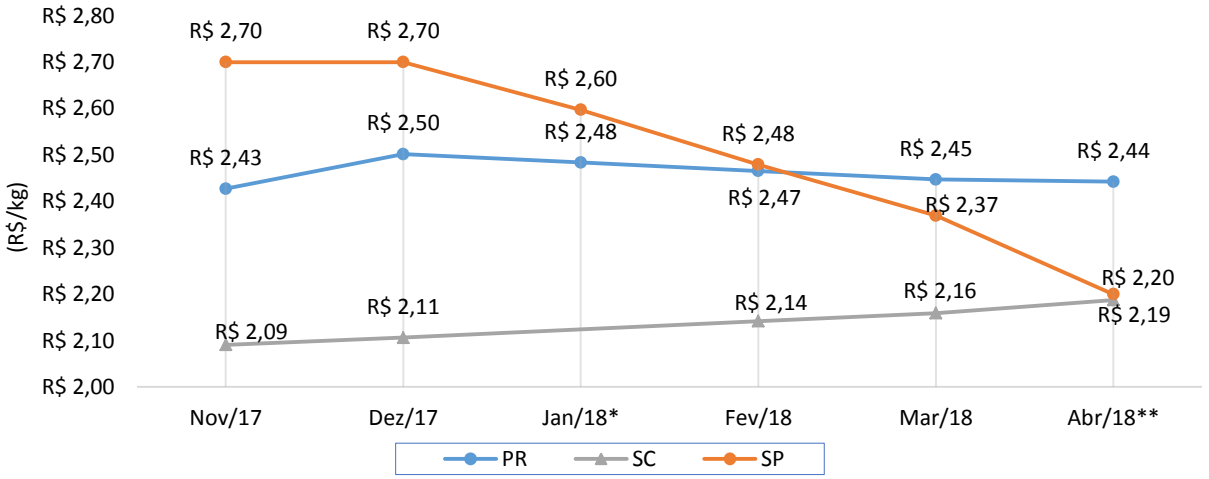
Após o desenrolar dos fatos supramencionados, registrou-se a continuidade das tendências que vinham sendo previamente observadas em relação aos preços do frango vivo em alguns dos principais estados produtores, com algumas acentuações.

No Paraná, por exemplo, o preço preliminar de abril mantém o movimento de queda observado desde janeiro. Contudo, se no primeiro trimestre os percentuais de queda foram praticamente idênticos (-0,72%, -0,73% e -0,75%), em abril a queda é um pouco menor, pelo menos até o momento: -0,20%.

Em São Paulo também há uma aceleração do movimento de queda observado ao longo do primeiro trimestre, conforme fica evidente na figura a seguir. As variações nos meses anteriores foram de -3,80% em janeiro, -4,54% em fevereiro e -4,45% em março. Já o preço preliminar de abril registrava queda de 7,14% até a finalização deste Boletim.

Contraditoriamente, em Santa Catarina segue o movimento de alta observado no setor desde agosto do ano passado. Se em março a alta foi de 0,81%, a média preliminar de abril já se encontra 1,30% acima do mês anterior.

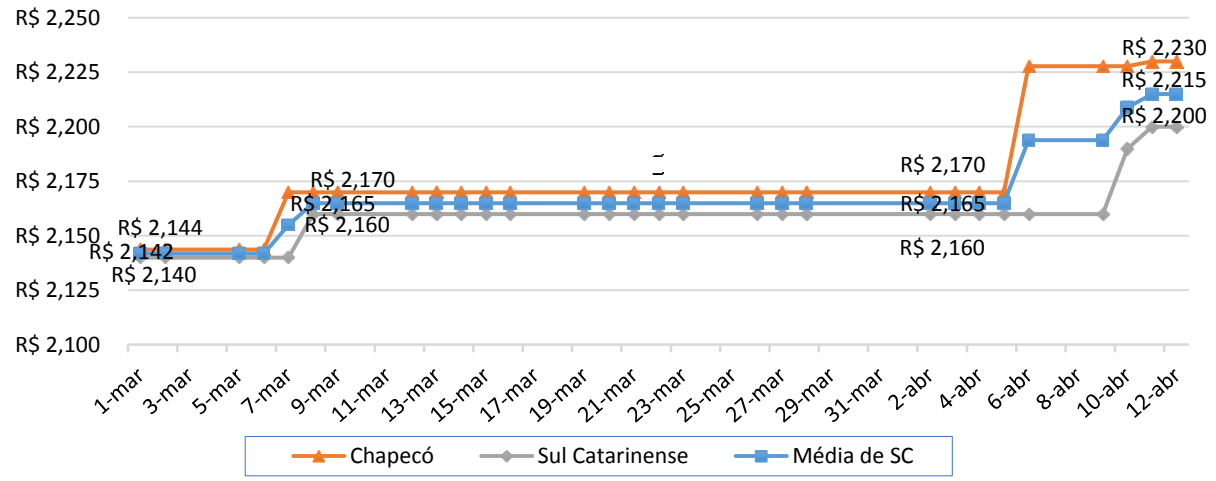
Quando se compara os valores atuais com aqueles praticados em abril de 2017, a variação é negativa para todos os estados analisados: -3,84% no Paraná, -4,65% em Santa Catarina e -12,00% em São Paulo. Vale mencionar que no caso de São Paulo, a quase totalidade das perdas concentram-se em 2018. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,68% (IPCA/IBGE).



(1) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.
* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2018. Nos demais meses utilizou-se os preços médios mensais da praça de referência de Chapecó.
** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal(1) mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017/2018

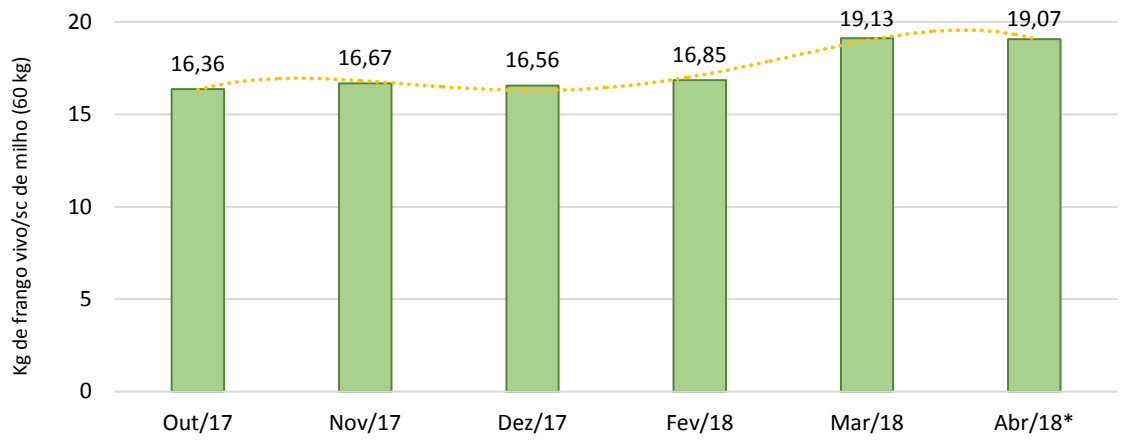
As altas registradas em Santa Catarina ao longo das últimas semanas concentram-se no início de cada mês, conforme evidencia a figura abaixo. As duas praças analisadas mostraram movimentos bastante semelhantes, mas com oscilação um pouco mais significativa em Chapecó, onde o preço diário saiu de R$ 2,144 no início de março para R$ 2,230 em meados de abril.



(1) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.
Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal(1) diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual –1/mar. a 12/abr./2018

Com o aumento no preço do frango vivo na praça de Chapecó, a relação de equivalência insumo/produto sofreu uma pequena queda de 0,34% na comparação entre abril e março. Essa queda só não foi maior em função do preço do milho, que ainda registrava movimento de alta na primeira semana de abril. Apesar da oscilação negativa, o valor atual encontra-se 43,24% acima daquele registrado em abril de 2017.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2018.
* O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2017/2018

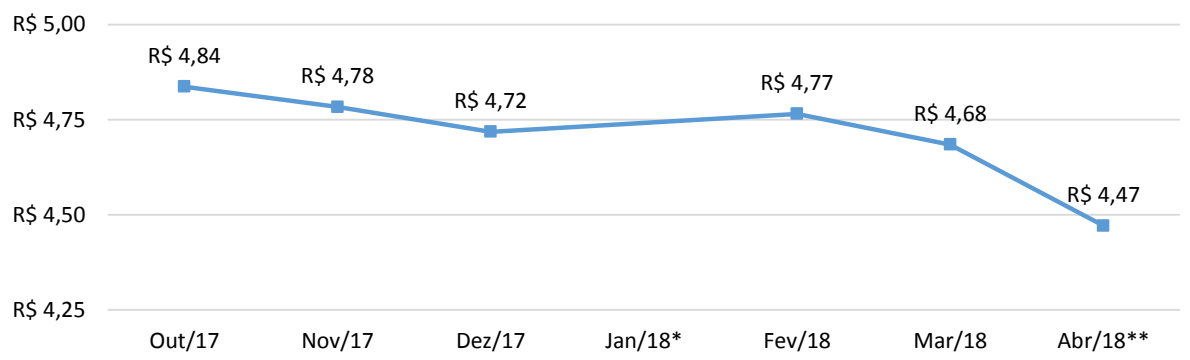
Na primeira semana de abril, a saca de milho no atacado estava cotada a R$ 42,00 na região de Chapecó, aumento de 1,45% em relação à média do mês anterior. Na comparação com o preço de abril de 2017, a variação também é fortemente positiva: 38,66%. Em relação a 2016, no entanto, há uma defasagem de 12,21%.

Há que se registrar que o milho vinha apresentando movimentos de alta mais intensos nos meses anteriores. Essa desaceleração provavelmente está relacionada ao aumento da oferta do produto no mercado, bem como a uma leve melhoria no cenário produtivo. De acordo com a Conab (7º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18), houve uma pequena ampliação na estimativa de colheita de milho em relação ao relatório anterior. A 1ª safra deve ser 15,96% menor que no ano anterior (em março estimava-se queda de 17,53%), enquanto a 2ª safra deve apresentar redução de 6,48% (contra 7,75% na estimativa anterior). A safra total deverá ser de 88,62 milhões de toneladas, queda de 9,43% em relação ao ano anterior (em março esperava-se uma queda de 10,80%).

De acordo com as estimativas da Epagri/Cepa, em Santa Catarina também serão observadas reduções significativas, com queda de 23,82% em relação ao ano anterior.

Se o preço do frango vivo segue em alta em Santa Catarina, no mercado atacadista predomina o movimento contrário. De acordo com a Epagri/Cepa, todos os quatro cortes cujo preço é levantado pela instituição apresentam variações negativas nas médias preliminares de abril, quando comparadas ao mês anterior: peito com osso congelado (-7,36%), frango inteiro congelado (-4,55%), filé de peito congelado (-3,70%) e coxa/sobrecoxa congelada (-1,66%).

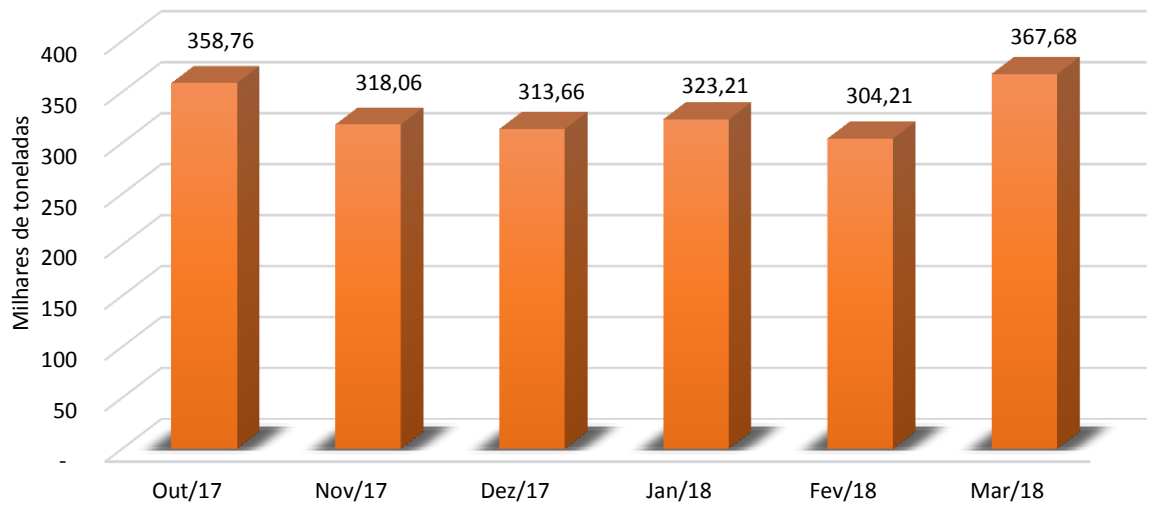
O frango inteiro congelado atingiu seu menor preço nominal desde agosto de 2015. Em relação a abril de 2017 a defasagem é de 8,06%. A figura a seguir apresenta a evolução no preço desse produto durante o último trimestre de 2017 e primeiro quadrimestre de 2018.



* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Frango inteiro congelado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – 2017/2018

No que diz respeito às exportações, os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), mostram que em março o Brasil exportou 367,68 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), aumento de 20,86% em relação ao mês anterior, mas resultado 1,65% abaixo do registrado em março de 2017.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Brasil – 2017/2018

As receitas, por sua vez, foram de US$580,59 milhões em março, aumento de 18,88% em relação ao mês anterior, mas queda de 9,74% na comparação com março de 2017.

Os principais destinos das exportações de carne de frango brasileira foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, responsáveis por 50,82% das receitas obtidas com esse produto no mês passado.

As receitas acumuladas no primeiro trimestre atingiram US$1,58 bilhão, queda de 11,84% em relação ao mesmo período de 2017. Em termos de quantidade, foram exportadas 995,10 mil toneladas no trimestre, queda de 5,57% em relação ao ano anterior.

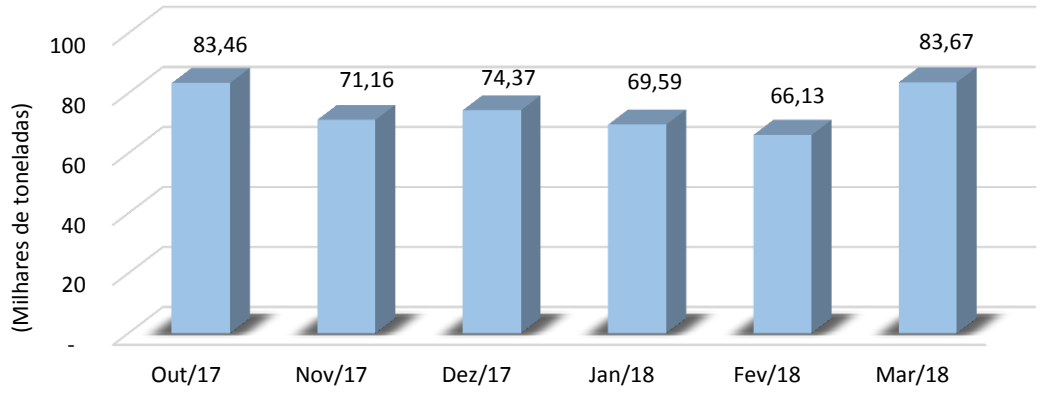
Os dados do MDIC referentes à primeira semana de abril (5 dias úteis) apontam aumento na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a março: 5,87% em valor e 4,59% em quantidade. Na comparação entre os valores de abril deste ano e as médias diárias do mesmo mês de 2017, registra-se aumento de 7,09% na quantidade, mas queda de 0,18% no valor.

De acordo com relatório publicado recentemente pelo Rabobank, a posição do Brasil no mercado global de carne de frango deve ser testada neste ano. O país ocupa atualmente a liderança no mercado internacional de carne de frango, sendo responsável por mais de 1/3 das exportações. Colabora para esse cenário o fato do Brasil nunca ter registrado nenhum caso de gripe aviária. Contudo, a redução dos casos dessa doença ao redor do mundo tende a reduzir tal vantagem competitiva. Também se constitui em ameaça a crise enfrentada pela BRF, empresa que ocupa a posição de maior exportadora mundial de carne de frango, e os bloqueios de compras relacionados às investigações da Operação Carne Fraca.

As exportações também poderão ser afetadas pelas exigências mais rígidas da Arábia Saudita com relação ao fim do atordoamento elétrico no abate de frangos que se destinam àquele país. Um dos fatores que contribuiu para a queda observada no primeiro trimestre foi justamente a redução das compras por parte dos sauditas.

O Rabobank aposta ainda no aumento da demanda interna neste ano, puxada pela melhoria das condições econômicas do país. Contudo, apontam os analistas do banco, o desempenho das exportações continua a ser crucial para os preços locais.

Santa Catarina também registrou aumento nas exportações de carne de frango em março. Foram exportadas 83,67 mil toneladas, aumento de 26,52% em relação ao mês anterior. Esse é o melhor resultado dos últimos seis meses. Contudo, o montante ainda está 3,95% abaixo do registrado em março de 2017.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017/2018

Em termos de receitas, as exportações catarinenses de março totalizaram US$ 143,93 milhões, aumento de 23,69% em relação ao mês anterior. No entanto, na comparação com março de 2017 a defasagem é de 13,10%.

Os principais destinos da carne catarinense exportada em março foram Japão, China, Países Baixos, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, responsáveis por 49,30% do valor das exportações do estado.

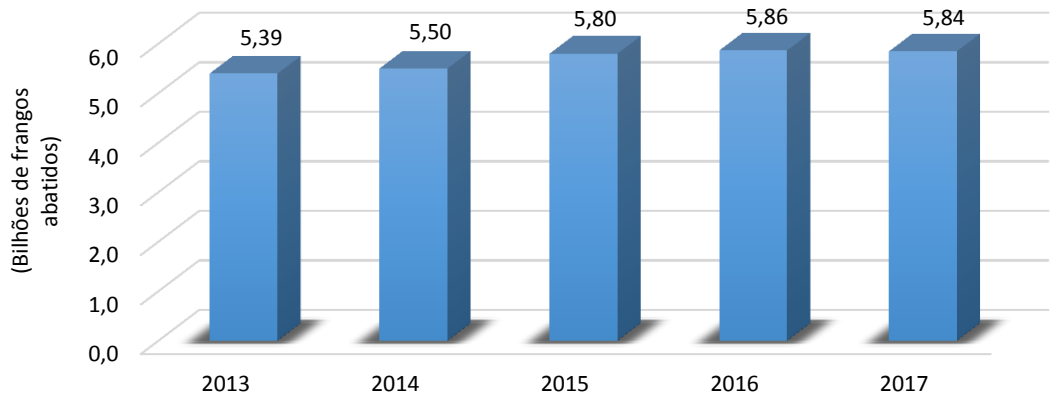
Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Março/2018		
País	**Valor (US$)**	**Quantidade (t)**
Japão	27.617.533,00	15.284
China	16.580.501,00	9.499
Países Baixos (Holanda)	9.248.962,00	3.487
Emirados Árabes Unidos	9.143.971,00	5.231
Hong Kong	8.374.177,00	5.366
Demais países	72.967.721,00	44.802
Total	**143.932.865,00**	**83.669**

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Dentre os maiores compradores da de frango do estado, dois apresentaram aumentos expressivos em março, na comparação com o mesmo mês de 2017: China (14,38% em valor e 28,64% em quantidade) e Hong Kong (92,37% em valor e 94,78% em quantidade). Por outro lado, Países Baixos e Emirados Árabes Unidos apresentaram quedas tanto em valor quanto em quantidade. O Japão aumentou a quantidade importada de Santa Catarina (8,97%), mas as receitas caíram (-6,04%).

As receitas acumuladas no primeiro trimestre foram de US$380,26 milhões, queda de 12,69% em relação ao mesmo período de 2017. Em termos de quantidade, foram exportadas 219,39 mil toneladas no trimestre, queda de 6,88% em relação ao ano anterior.

Em março passado o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao 4º trimestre do ano passado. Os nos demonstram que em 2017 foram abatidos no país um total de 5,84 bilhões de frangos, queda de 0,32% em relação ao ano anterior.



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

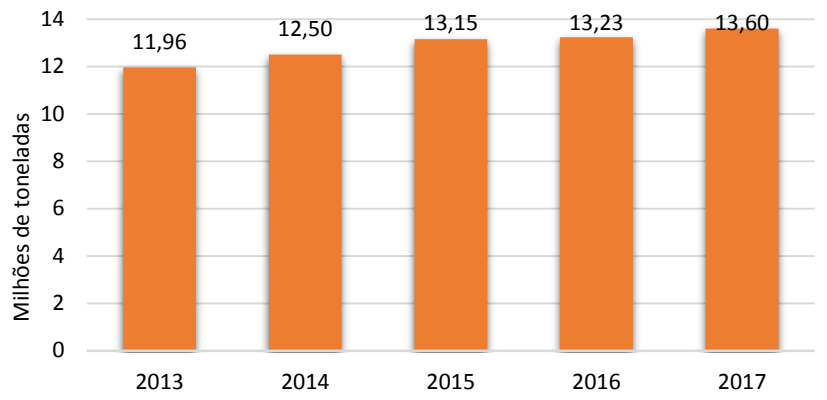
Quantidade de frangos abatidos por ano no Brasil (em bilhões de cabeças) – 2013 a 2017

Vale lembrar que o setor foi afetado negativamente no ano passado pelos embargos temporários de diversos países importadores e reduções no consumo, em decorrência da Operação Carne Fraca. A estagnação da economia também contribuiu para a redução da demanda por proteínas de origem animal.

As reduções nos abates de frangos ocorreram em 9 das 24 unidades da federação acompanhadas pelo IBGE, dentre as quais se destacam: Mato Grosso (-40,23 milhões de cabeças), Minas Gerais (-39,78

milhões), Distrito Federal (-13,72 milhões) e Santa Catarina (-11,07 milhões). Por outro lado, os maiores aumentos no número de animais abatidos foram registrados em São Paulo (+26,05 milhões de cabeças), Goiás (+20,20 milhões), Rio Grande do Sul (+15,42 milhões), Bahia (+9,62 milhões), Paraná (+9,51 milhões) e Mato Grosso do Sul (+6,34 milhões).

O Paraná segue sendo o maior produtor de frangos do país, responsável pelo abate de 31,5% do total nacional, seguido por Santa Catarina (14,7%) e Rio Grande do Sul (14,5%).



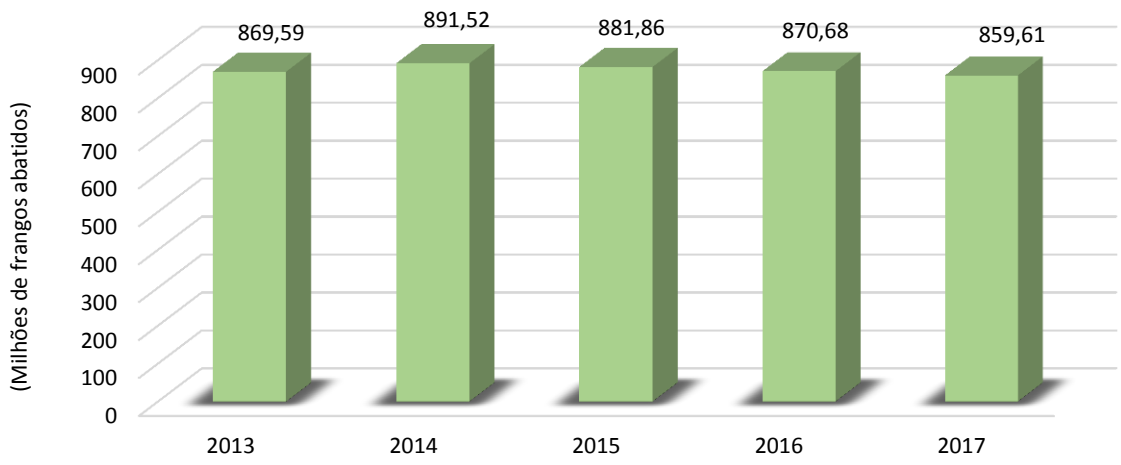
Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Produção de carne de frango no Brasil – peso de carcaça (em milhões de toneladas) – 2013 a 2017

Diferentemente do que se observou em relação ao número de animais, a produção de carne registrou aumento no ano passado. Foram produzidas 13,60 milhões de toneladas de carcaça de frango, o que representa um aumento de 2,79% em relação a 2016.

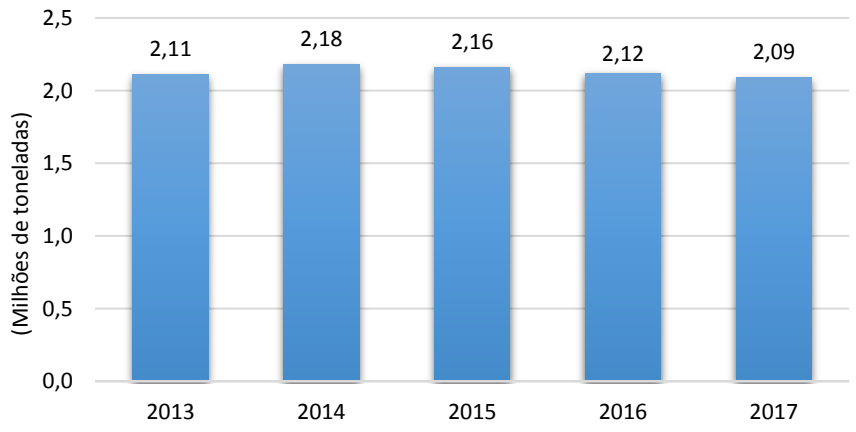
Levando em consideração os comportamentos distintos entre número de animais abatidos e quantidade de carne, conclui-se que houve aumento no peso médio de abate. No ano anterior havia sido registrada variação negativa nesse aspecto, associada ao expressivo aumento no preço do milho verificado em 2016.

Santa Catarina também registrou queda no número de animais abatidos em 2017, na comparação com o ano anterior: -1,27%. Ao analisar os dados de forma mais detalhada, verifica-se que o pior desempenho foi registrado no 2º trimestre (-5,77%), logo após a deflagração da Operação Carne Fraca. Vale destacar que o 1º trimestre registrou variação positiva de 2,69% em relação ao ano anterior.



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Quantidade de frangos abatidos por ano em Santa Catarina (em milhões) – 2013 a 2017



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Produção de carne de frango em Santa Catarina– peso de carcaça (em milhões de toneladas) – 2013 a 2017

Embora no âmbito nacional a produção de carne de frango tenha aumentado, em Santa Catarina o resultado foi negativo. Em 2017 o estado produziu 2,09 milhões de toneladas de carcaças de frango, decréscimo de 1,50% em relação ao ano anterior.

Mais uma vez, o pior resultado foi registrado no 2º trimestre (-5,97%), enquanto no 1º trimestre observou-se variação positiva de 3,17%.

Por fim, é importante destacar uma recente conquista obtida pelo setor avícola catarinense. A unidade da Seara Alimentos localizada em Itapiranga, no Extremo Oeste do estado, foi a primeira unidade produtora de frangos de corte do mundo com certificado de compartimentação, outorgado pelo Mapa.

A compartimentação constitui-se num sistema de controle sanitário que prevê um rígido controle sobre todos os elos da cadeia produtiva de uma determinada região, garantindo um certo isolamento à mesma e evitando que eventuais problemas registrados em outras áreas afetem a produção e as exportações da região compartimentada. A compartimentação da Seara é constituída por 28 municípios do Extremo Oeste catarinense nos quais funcionam 21 núcleos de granjas de matrizes, dois incubatórios, a indústria avícola de Itapiranga, as fábricas de rações de São Miguel do Oeste e Itapiranga, 283 estabelecimentos rurais com aviários de frangos de corte e três fábricas de Maravilha.

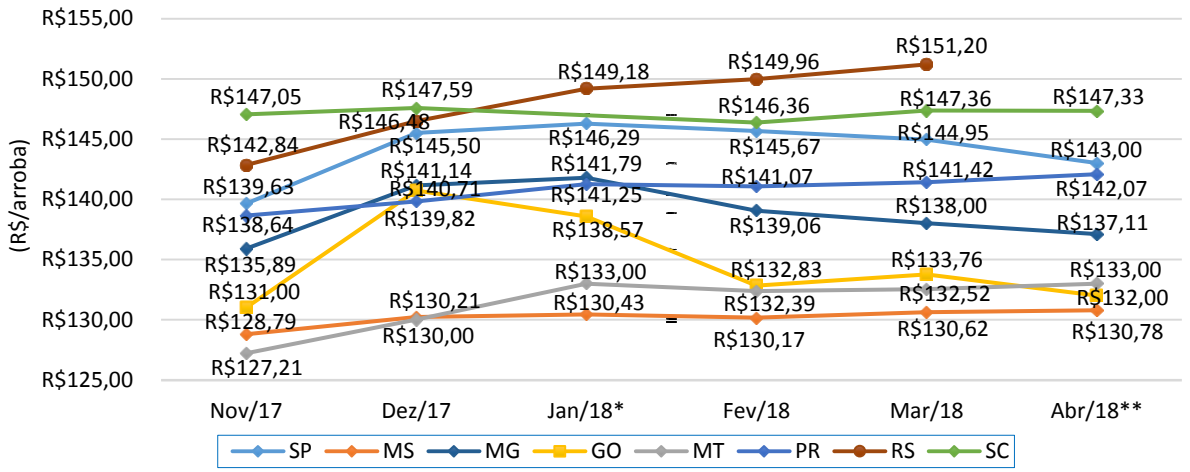
Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

O mercado do boi gordo tem apresentado relativa estabilidade nas últimas semanas, com movimentos tanto de alta quanto de baixa, mas todos com pouca intensidade. Dos sete estados analisados[8], quatro registram variação negativa na comparação entre os preços preliminares de abril e a média de março: São Paulo (-1,35%), Goiás (-1,32%), Minas Gerais (-0,64%) e Santa Catarina (-0,02%). No caso de Santa Catarina, a variação é tão pequena que é possível afirmar que o preço se manteve inalterado. Os demais estados apresentaram variações positivas: Paraná (0,46%), Mato Grosso (0,36%) e Mato Grosso do Sul (0,12%).

Conforme relatório publicado recentemente pelo Centro de Estudos em Economia Aplicada (Cepea), os preços do boi gordo têm se sustentado nos atuais patamares pela soma de um conjunto de fatores. Embora o consumo doméstico continue enfraquecido (contrariando as expectativas de alguns analistas), o aumento das exportações tem garantido o escoamento de parcela significativa da produção, mitigando a oferta excessiva e, com isso, evitando quedas consistentes nos preços. Além disso, a boa disponibilidade de pastagens tem possibilitado aos produtores reterem os animais mais tempo, recusando ofertas que estejam muito abaixo dos patamares médios.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em abril de 2017, as diferenças são um pouco mais significativas e há predominância das variações positivas, sendo registrados aumentos em seis estados: Mato Grosso (9,07%), Goiás (7,37%), Minas Gerais (5,52%), São Paulo (3,79%), Mato Grosso do Sul (3,25%) e Paraná (1,39%). Somente Santa Catarina registrou variação negativa nesse período: -5,88%. É importante ressaltar que os percentuais acima se referem às diferenças entre os preços nominais de cada período, não se levando em consideração a inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 2,68% (IPCA/IBGE).

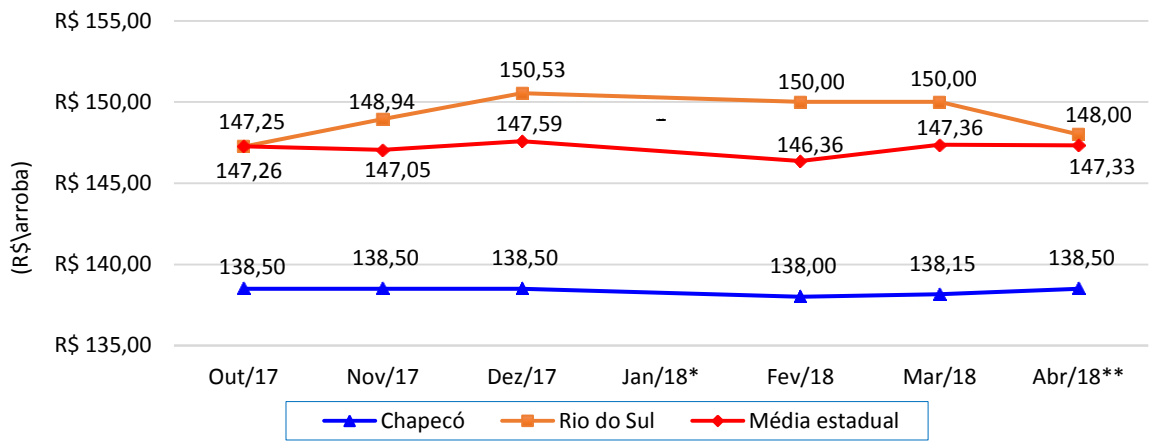


* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.
** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 2 a 12/abr./2018.
Os dados do Rio Grande do Sul referentes a abril não se encontravam disponíveis até a finalização deste boletim.
Fonte: Epagri/Cepa(1); Cepea(2); SEAB(3); Nespro(4).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC(1), SP(2), MG(2), GO(2), MT(2), MS(2), PR(3) e RS(4) – 2017/2018

[8] Até a finalização deste boletim não havia sido divulgado nenhum preço do mês de abril para o Rio Grande do Sul.

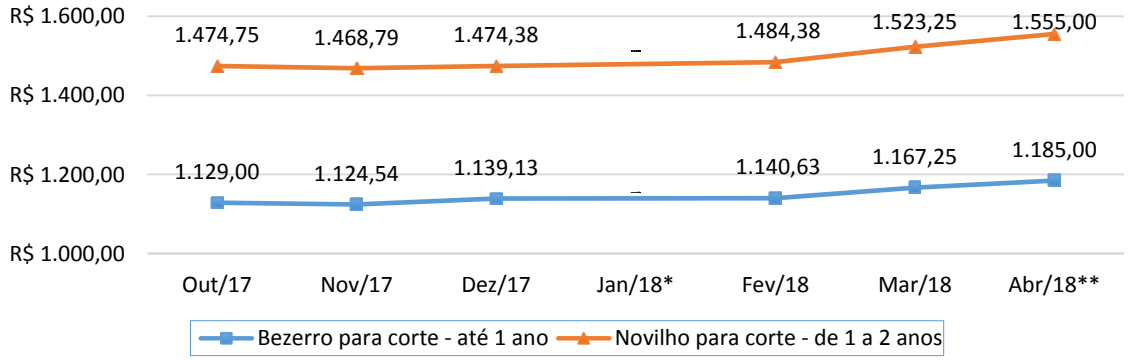
Durante o 1º trimestre os preços do boi gordo estiveram estáveis nas duas praças de referência de Santa Catarina (Chapecó e Rio do Sul), apenas com algumas pequenas oscilações. Em abril, contudo, observa-se variação um pouco mais significativa em Rio do Sul (-1,33%). Em Chapecó, por sua vez, a variação é positiva, embora pequena: 0,25%. Apesar dessas variações nas praças de referência, a média estadual (elaborada a partir dos preços de 8 praças distintas) ficou praticamente inalterada entre março e abril (-0,02%).



(1) Para pagamento em 20 dias.
* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo(1) nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2017/2018

Embora os preços do boi gordo sigam estáveis e sem variações significativas nos últimos meses, o mercado dos animais de reposição tem mostrado tendência de alta cada vez mais consistente. Os preços preliminares de abril apresentaram incrementos positivos em relação a março para as duas categorias de animais jovens: 1,52% para os bezerros de até 1 ano e 2,08% para os novilhos de 1 a 2 anos. Em março essas duas categorias já haviam registrado variação positiva de 2,33% e 2,62%, respectivamente.

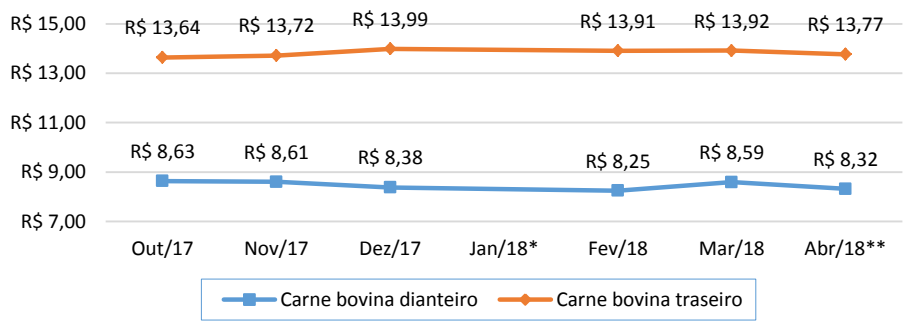


* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2017/2018

Além da estagnação da demanda, a elevação nos custos de produção tem preocupado muitos pecuaristas, em especial aqueles que fazem a terminação dos animais em confinamento. As altas nos preços do milho e do farelo de soja nos primeiros meses deste ano encarecem a atividade, aponta a Associação Nacional da Pecuária Intensiva (Assocon). O milho, por exemplo, é o principal ingrediente da nutrição de bovinos confinados e semiconfinados, representando em média 70% do custo da dieta. De acordo com a entidade, a continuidade desse cenário pode acarretar na redução do volume de animais confinados. No início do ano, a Assocon projetou crescimento de 12% no número de animais confinados em 2018 em comparação ao ano passado, atingindo de 3,8 milhões a 4 milhões de cabeças no país. Contudo, estima-se que se os custos permanecerem elevados, a intenção de confinamento pode recuar em até 10%.

Depois do predomínio de pequenas variações positivas em março, em abril os preços de atacado da carne bovina em Santa Catarina registram quedas em todos os cortes analisados.



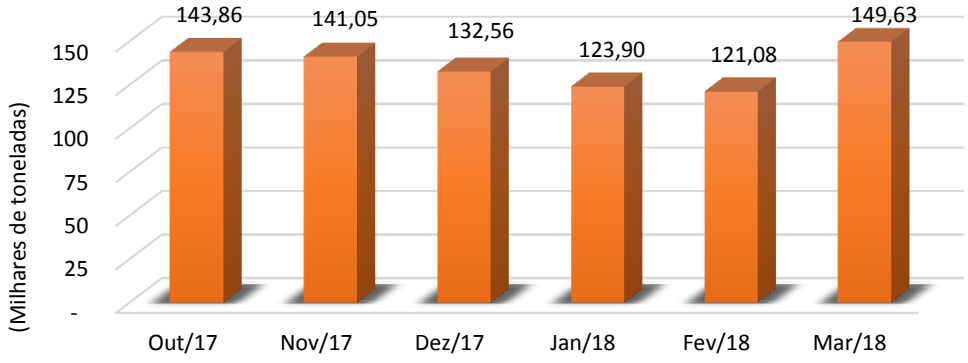
* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2017/2018

Segundo levantamento da Epagri/Cepa, a carne de traseiro caiu 1,06% (preço médio preliminar de abril em relação a março). O valor atual está 0,70% abaixo daquele praticado no mesmo mês de 2017.

A carne de dianteiro registra quedas um pouco mais significativas: -3,12% em relação a março e -3,66% na comparação com abril de 2017.

Depois de alguns meses de quedas, em março as exportações voltaram a crescer em relação ao período anterior. Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado o Brasil exportou 149,63 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), aumento de 23,58% na comparação com fevereiro e de 24,12% em relação a março de 2017. Esse é o maior montante exportado num único mês desde maio de 2007.



Fonte: MDIC / Aliceweb.

Exportações de carne bovina – Brasil – 2017/2018

Também foram registrados resultados positivos em termos de receitas: em março foram exportados US$ 591,97 milhões, crescimento de 22,49% em relação ao mês anterior e de 22,14% na comparação com março de 2017.

No acumulado do ano já foram exportadas 394,61 mil toneladas, 20,64% mais do que no mesmo período de 2017. As receitas do 1º trimestre somaram US$ 1,59 bilhão, o que representa um aumento de 22,88% em relação ao ano anterior.

Assim como ocorreu em fevereiro, os cinco principais compradores de carne bovina brasileira em março foram Hong Kong, China, Egito, Chile e Estados Unidos, que responderam por 65,29% das receitas. Mais uma vez Hong Kong e China ampliaram suas aquisições em relação ao mesmo mês de 2017: aumento de 60,76% e 42,92% em valor, respectivamente.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Março/2018

País	Valor (US$)	Quantidade (t)
Hong Kong	141.523.635,00	37.939
China	117.470.234,00	26.327
Egito	55.611.972,00	19.515
Chile	43.013.442,00	10.160
Estados Unidos	28.865.647,00	3.283
Demais países	205.483.909,00	52.408
Total	**591.968.839,00**	**149.632**

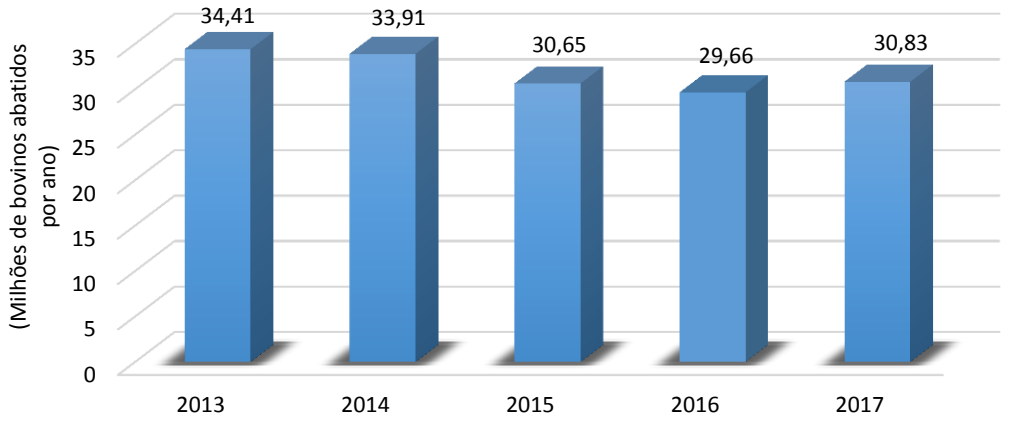
Fonte: MDIC/Aliceweb.

As exportações de carne bovina para a Rússia seguem suspensas em decorrência da detecção da substância ractopamina em alguns carregamentos. Em março de 2017 a Rússia importou 17,27 mil toneladas de carne bovina brasileira, gerando receitas de US$ 56,43 milhões.

Os dados do MDIC referentes à primeira semana de abril (5 dias úteis) apontam quedas na média diária de embarques de carne bovina *in natura* em relação a fevereiro: -11,42% em valor e -10,61% em quantidade. Contudo, quando se compara os valores atuais com as médias diárias de abril de 2017, verifica-se crescimento bastante expressivo: 25,26% no valor e 32,81% na quantidade.

Embora Santa Catarina tenha pouca expressão nas exportações nacionais de carne bovina, chama a atenção o significativo crescimento dos embarques desse produto oriundo do estado. No primeiro trimestre foram exportadas 1,21 mil toneladas de carne bovina, um aumento de 261,76% em relação ao mesmo período do ano anterior. Além do status sanitário diferenciado, um dos pontos fortes da bovinocultura catarinense é a presença significativa de raças de corte europeias.

Em março o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao 4º trimestre. Conforme é possível perceber, após três anos consecutivos de quedas, em 2017 registrou-se aumento na produção de bovinos do país. Foram abatidos 30,83 milhões de animais, aumento de 3,91% em relação ao ano anterior.

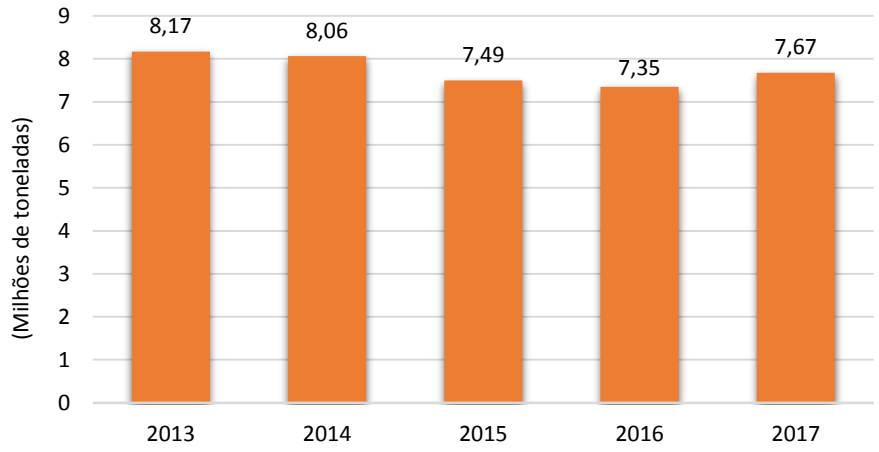


Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Quantidade de bovinos abatidos por ano no Brasil (milhões de cabeças) – 2013 a 2017

Em 2017 registrou-se crescimento no abate de bovinos em 16 das 27 unidades da federação pesquisadas pelo IBGE, com destaque para Goiás (+355,50 mil cabeças), Minas Gerais (+297,03 mil), Mato Grosso (+227,15 mil), Mato Grosso do Sul (+144,61 mil) e Paraná (+85,65 mil). Por outro lado, as principais reduções nos abates foram verificadas no Pará (-86,95 mil cabeças), Tocantins (-42,46 mil), Maranhão (-38,23 mil) e Acre (-25,67 mil).

Mato Grosso segue como principal produtor de bovinos do país, tendo sido responsável por 15,6% do total de bovinos abatidos em 2017, seguido por Mato Grosso do Sul (11,1%) e Goiás (10,3%).



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

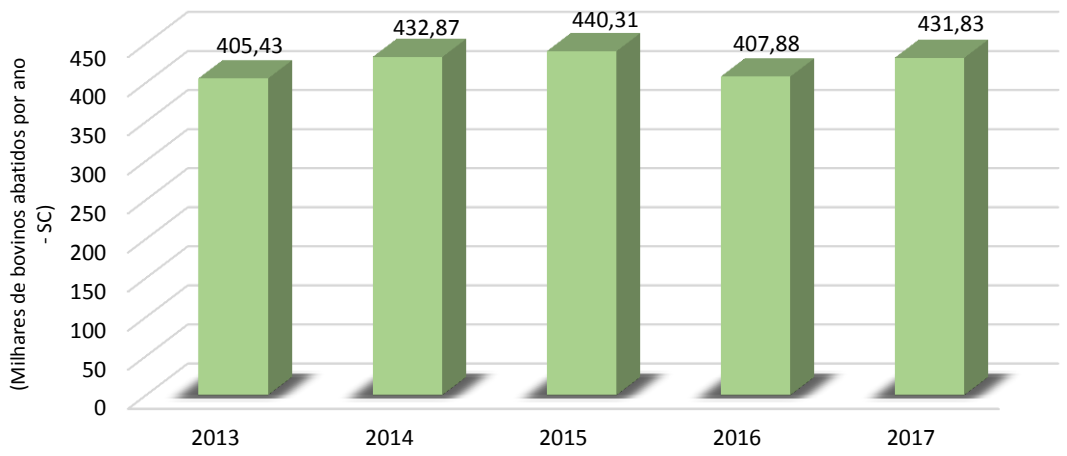
Produção de carne bovina no Brasil – peso de carcaça (milhões de toneladas) – 2013 a 2017

Assim como o número de animais, aumentou também a produção de carne. Conforme demonstram os dados, foram produzidas 7,67 milhões toneladas de carcaças bovinas, incremento de 4,39% em relação ao ano anterior.

O 1º semestre de 2017 apresentou um desempenho ruim, com queda de 1,13% na quantidade produzida, em relação ao mesmo período de 2016. Já o 2º semestre registrou crescimento de 9,89% na comparação com o ano anterior.

Esses números apresentados anteriormente refletem principalmente a recuperação da oferta de animais, que se encontrava bastante restrita nos anos anteriores, bem como a elevação nas exportações de carne bovina do país.

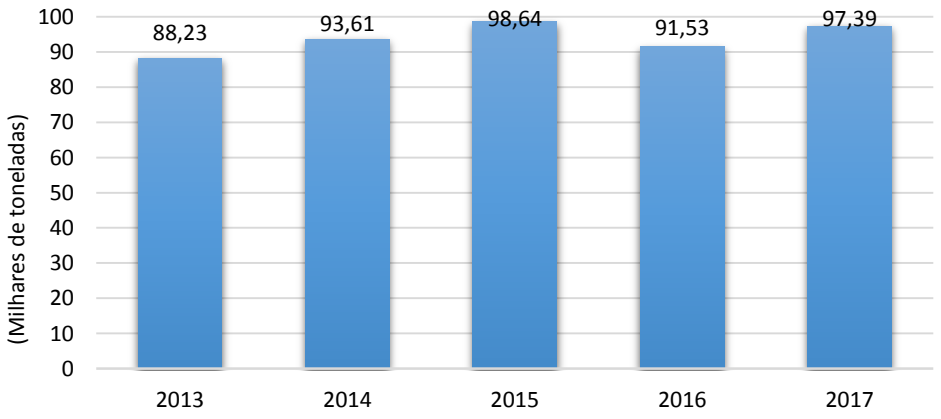
Depois de uma queda em 2016, em 2017 o abate de bovinos em Santa Cataria voltou a subir, segundo o IBGE. Durante o ano passado foram abatidos no estado um total de 431,83 mil animais, aumento de 5,87% em relação ao ano anterior.



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Quantidade de bovinos abatidos por ano em Santa Catarina (milhares de cabeças) – 2013 a 2017

De acordo com o IBGE, os abates realizados em Santa Catarina durante o ano de 2017 resultaram em 97,39 mil toneladas de carcaças bovinas. Esse montante representa um aumento de 6,41% em relação ao ano anterior.



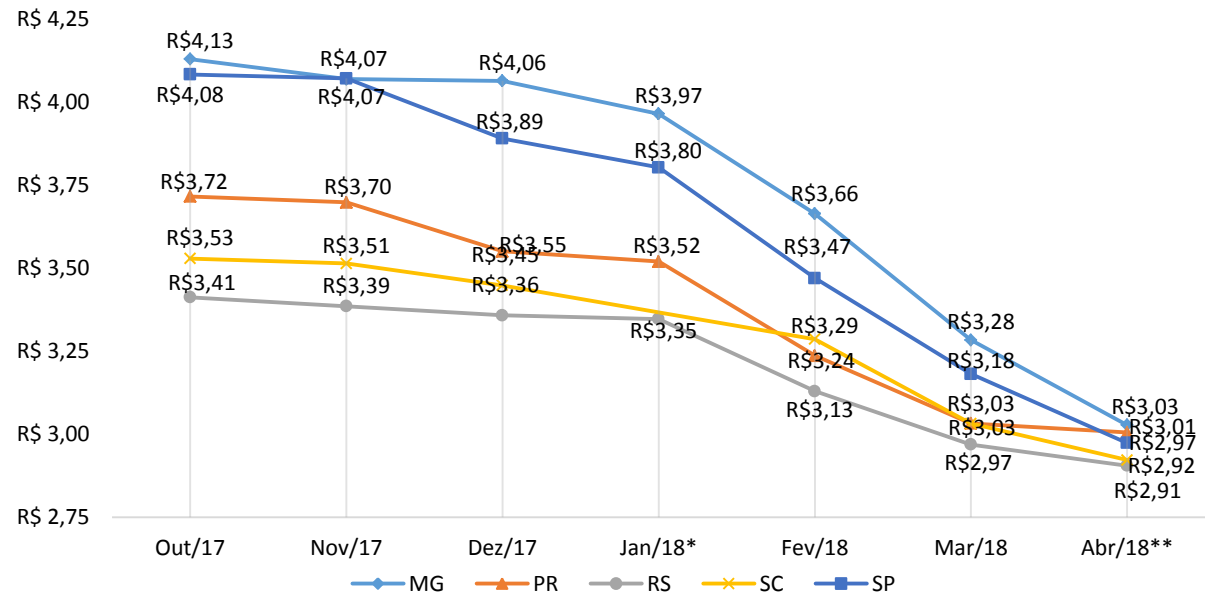
Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Produção de carne bovina em Santa Catarina– peso de carcaça (milhares de toneladas) – 2013 a 2017

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa

Com a continuidade do embargo russo à carne brasileira e a estagnação da demanda no mercado interno, o setor suinícola mantém a tendência que vem sendo observada desde outubro de 2017, com movimento de queda nos preços do suíno vivo. Os dados preliminares apontam que os preços de abril caíram em todos os cinco estados analisados: -7,81% em Minas Gerais, -6,53% em São Paulo, -3,62% em Santa Catarina (média estadual, incluindo integrados e independentes), -2,14% no Rio Grande do Sul e -0,90% no Paraná.

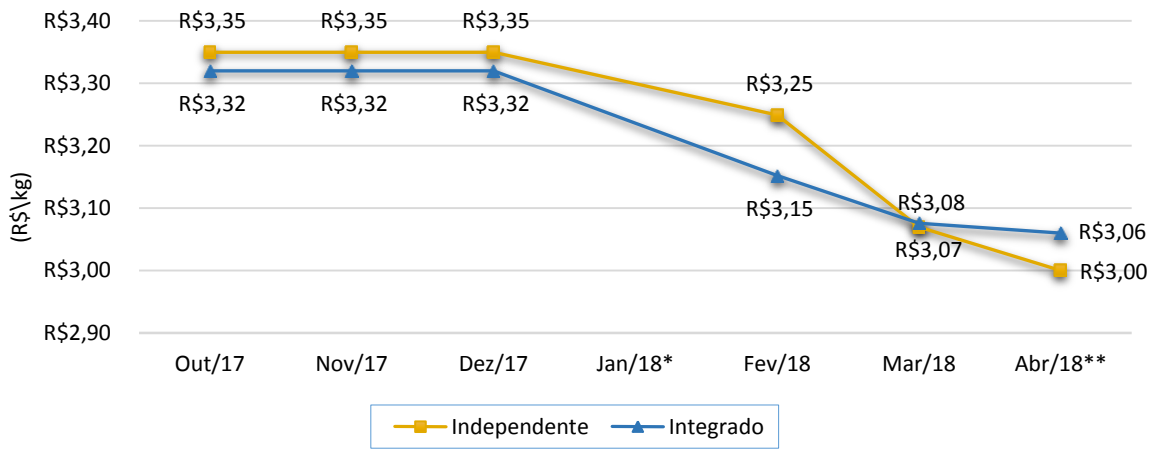


* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.
** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R$/kg de suíno vivo) – 2017/2018

Quando se compara os preços atuais com os de abril de 2017, a variação é ainda mais significativa: -24,95% em São Paulo, -23,17% em Minas Gerais, -20,59% em Santa Catarina, -19,73% no Rio Grande do Sul e -18,39% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,68%, de acordo com o IPCA/IBGE.

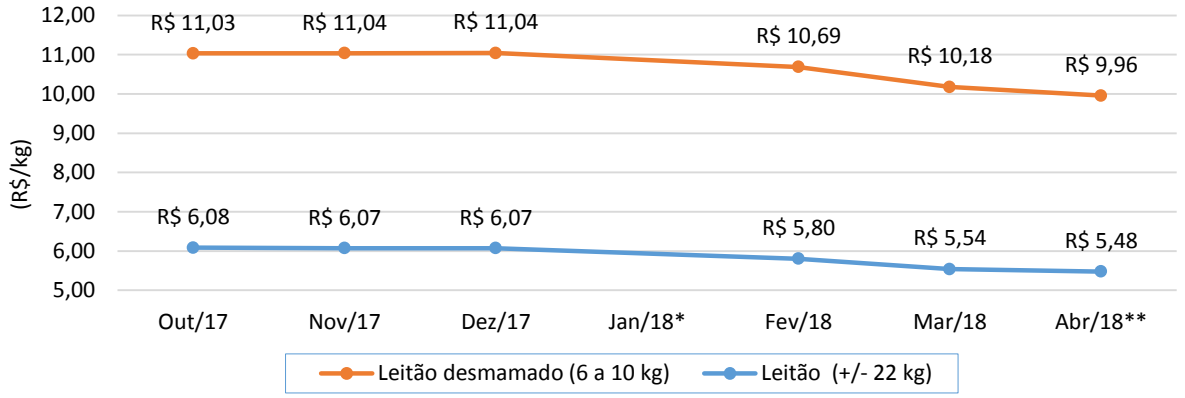
Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, novamente se observa queda nos preços: -2,26% para os produtores independentes e -0,51% para os integrados. Na comparação com abril do ano passado, os preços atuais apresentam uma defasagem de -19,37% para os independentes e -14,65% para os integrados.



* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2017/2018

Os preços dos leitões também seguem o movimento de queda observado em toda a cadeia. Os dados preliminares de abril evidenciam que as duas categorias de leitões registram quedas na comparação com março: -2,15% para os leitões de 6 a 10kg e -1,10% para leitões com +/-22kg. Em relação a abril de 2017 a variação é de -9,81% para leitões de 6 a 10kg e -9,76% para leitões de +/-22kg.

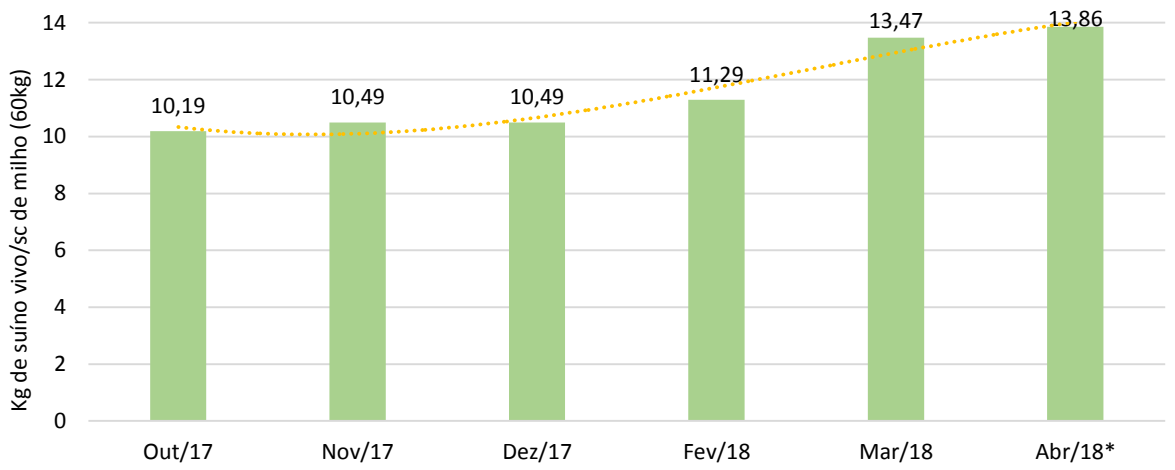


* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2017/2018

A relação de equivalência insumo/produto (índice calculado pela Epagri/Cepa a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos da região de Chapecó) registra alta de 2,88% em abril (valor preliminar). Esse resultado é decorrente de dois movimentos inversos: queda nos preços do suíno vivo e alta no preço do milho. Isso significa que em abril são necessários mais quilos de suíno vivo para comprar uma saca de 60kg de milho no atacado.

O valor atual encontra-se 67,17% acima daquele registrado em abril de 2017, quando o preço do milho estava em queda e o do suíno vivo em alta.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.
* O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2017/2018

Em abril a saca de milho no atacado em Chapecó atingiu o valor de R$ 42,00 (média mensal preliminar), 1,45% acima da média do mês anterior. Muitos analistas de mercado apostam que nas próximas semanas o preço do grão deverá ficar estável ou até mesmo cair, em função da perspectiva de aumento na oferta.

Segundo a Conab (7º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18), houve uma pequena ampliação na estimativa de colheita de milho em relação ao relatório anterior. A 1ª safra deve ser 15,96% menor que no ano anterior (em março estimava-se queda de 17,53%), enquanto a 2ª safra deve apresentar redução de 6,48% (contra 7,75% na estimativa anterior). A safra total deverá ser de 88,62 milhões de toneladas, queda de 9,43% em relação ao ano anterior (em março esperava-se uma queda de 10,80%).

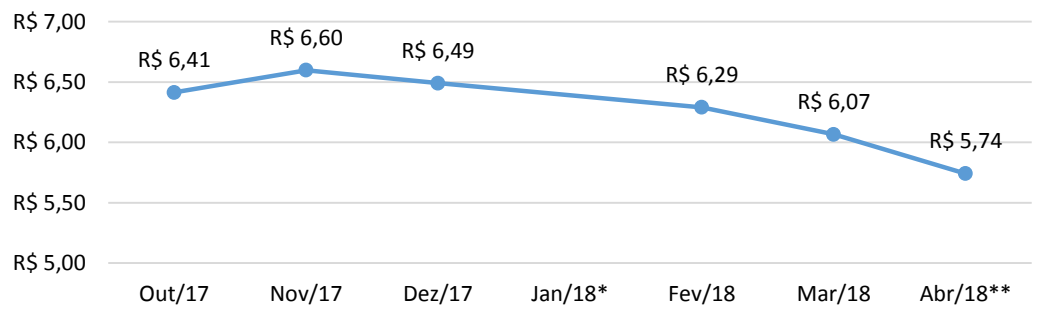
A Epagri/Cepa também projeta reduções significativas na safra catarinense de milho, que deverá ser 23,82% menor que no ano anterior.

A grande oferta de carne no mercado interno, principalmente em função da continuidade do embargo das exportações para a Rússia e da fraca demanda pelo consumidor brasileiro, tem contribuído para pressionar para baixo os preços no atacado. De acordo com o levantamento semanal realizado pela Epagri/Cepa, assim como já havia acontecido em março, todos os cinco cortes acompanhados registraram quedas nos preços médios da primeira semana de abril: carcaça (-5,36%), lombo (-5,17%), costela (-4,31%), carré (-3,63%) e pernil (-2,09%).

Carne suína – Preço médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2018			
Produto	**Fevereiro/18**	**Março/18**	**Abril/18[1]**
Carré (sem couro)	8,26	7,88	7,59
Costela (sem couro)	12,57	12,03	11,51
Lombo	11,66	11,16	10,58
Carcaça	6,29	6,07	5,74
Pernil (com osso e couro)	7,55	7,35	7,20

[1] Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

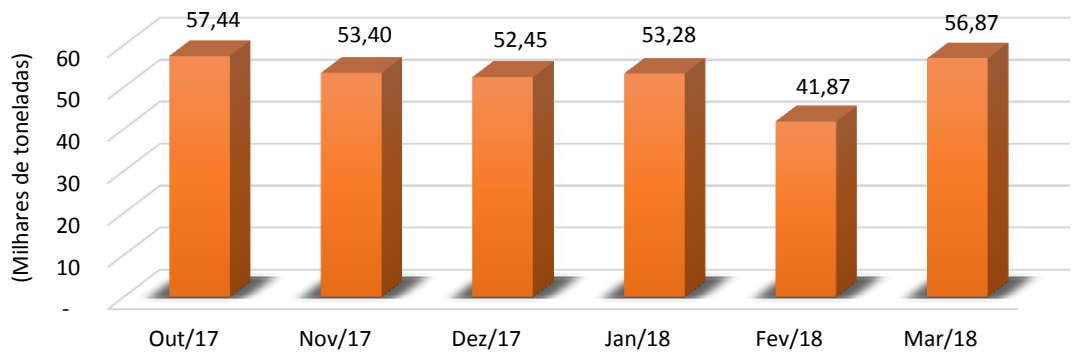
A figura seguinte apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína a partir de outubro de 2017.



* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 2 a 12/abr./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2017/2018

Após uma queda abrupta em fevereiro, as exportações brasileiras de carne suína voltaram a crescer no mês passado, conforme apontam os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Em março foram embarcadas 56,87 mil toneladas de carne (*in natura*, industrializada e miúdos), aumento de 35,83% em relação ao mês anterior. Contudo, na comparação com março de 2017 registra-se queda de 7,78%.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Brasil – 2017/2018

As receitas também voltaram a crescer em fevereiro: US$ 114,39 milhões, aumento de 31,10% em relação ao mês anterior. Por outro lado, na comparação com março de 2017 observa-se queda de 23,41%.

No acumulado do primeiro trimestre as receitas atingiram US$ 311,83 milhões, queda de 22,02% em relação ao mesmo período de 2017. A quantidade exportada de janeiro a março deste ano foi de 152,02 mil toneladas, queda de 13,56% em relação ao primeiro trimestre do ano anterior.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira em março foram Hong Kong, China, Argentina, Cingapura e Uruguai, que juntos responderam por 76,40% das receitas com esse produto. A China segue ampliando suas importações de carne suína do Brasil. No mês passado registrou-se crescimento de 181,50% em valor e de 179,07% em quantidade, em relação a março de 2017.

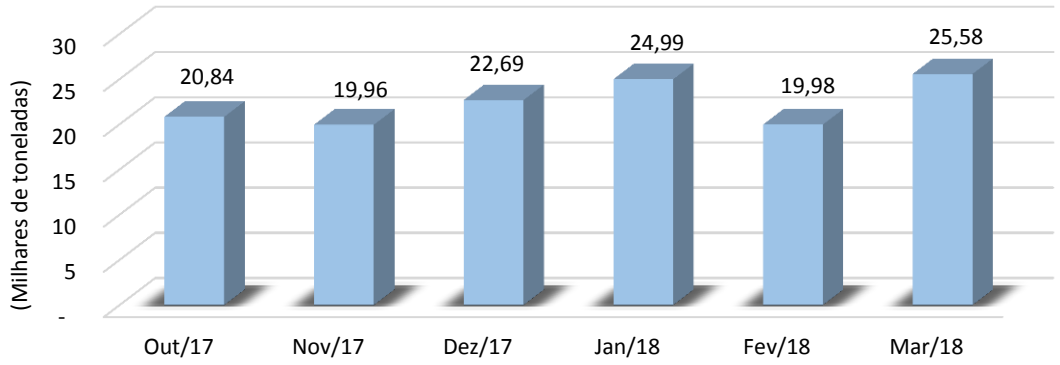
Diversos analistas acreditam que uma eventual guerra comercial entre China e Estados Unidos poderia favorecer o setor suinícola brasileiro. O governo chinês anunciou que poderá aplicar uma tarifa de importação adicional de 25% sobre a carne suína dos Estados Unidos que entra na China, após o governo estadunidense elevar as tarifas de importação sobre produtos chineses, incluindo o aço. A potencial elevação da tarifa para a carne suína norte-americana beneficiaria as exportações brasileiras ao país asiático, conforme avaliação da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) em nota divulgada no final de março.

A China comprou 275 mil toneladas de carne suína *in natura* dos EUA no ano passado (US$ 448 milhões) e 48,94 mil toneladas de carne suína brasileira (US$ 100,62 milhões). Desde janeiro deste ano, a China vem ampliando as compras de carne suína do Brasil, tendo registrado crescimento de 157,37% no primeiro trimestre em termos de valor (em relação ao mesmo período de 2017).

A ampliação das vendas para o mercado chinês seria uma forma de mitigar as perdas decorrentes da suspensão das importações por parte da Rússia, que era o destino de cerca de 40% de toda a carne suína exportada pelo Brasil.

Os dados do MDIC referentes à primeira semana de abril (5 dias úteis) demonstram uma leve alta na média diária de embarques de carne suína *in natura* em relação a março: 1,09% em valor e 2,39% em quantidade. Por outro lado, na comparação dos valores atuais com as médias diárias de abril de 2017, registram-se quedas tanto no valor quanto na quantidade: -27,43% e -4,84%, respectivamente.

As exportações catarinenses também registraram recuperação em março, quando foram embarcadas 25,58 mil toneladas, aumento de 28,04% em relação ao mês anterior e de 0,25% na comparação com março de 2017.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017/2018

As receitas de março atingiram US$51,04 milhões, o que representa um aumento de 22,27% em relação ao mês anterior, mas queda de 15,42% na comparação com março de 2017.

No primeiro trimestre Santa Catarina exportou 70,55 mil toneladas de carne suína (-1,53% em relação ao ano passado), com um total de receitas de US$144,05 milhões (-10,51%).

Os principais destinos das exportações catarinenses em março foram China, Hong Kong, Chile, Argentina e Angola, que responderam por 76,85% das receitas e 77,92% da quantidade.

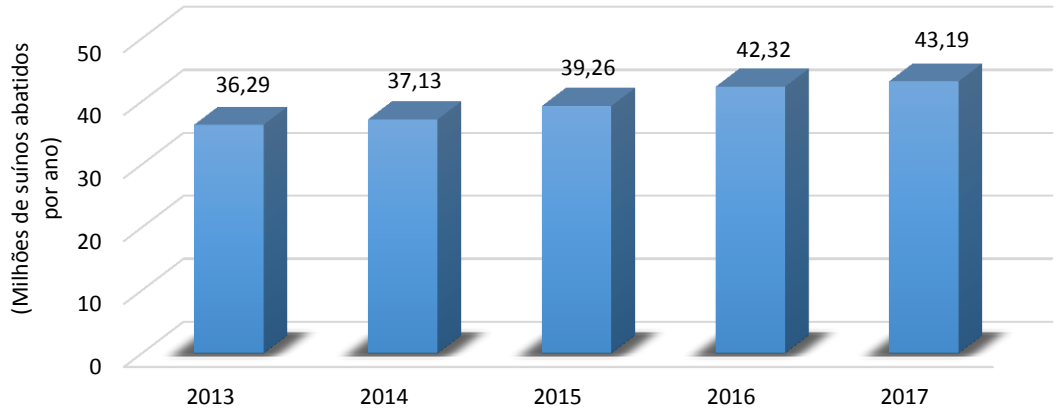
Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Março de 2018

País	Valor (US$)	Quantidade (t)
China	19.661.499,00	9.639
Hong Kong	7.515.699,00	3.863
Chile	6.078.912,00	2.800
Argentina	3.637.854,00	1.413
Angola	2.329.107,00	2.215
Outros países	11.813.842,00	5.649
Total	**51.036.913,00**	**25.579**

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Dos 10 principais destinos da carne suína catarinense em março, na comparação com o mesmo mês de 2017, 8 registraram crescimento nos valores e 9 nas quantidades importadas. Em termos de valores, destacam-se China (+108,87%), Hong Kong (+32,08%), Chile (128,37%), África do Sul (1.809,09%) e Geórgia (326,33%).

Em março o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao 4º trimestre, possibilitando uma análise do desempenho da suinocultura no decorrer do ano passado. Conforme demonstram os números, em 2017 foram abatidos no Brasil 43,19 milhões de suínos, crescimento de 2,05% em relação ao ano anterior. Esse é o maior volume de abates já registrado desde o início da pesquisa do IBGE, em 1997.

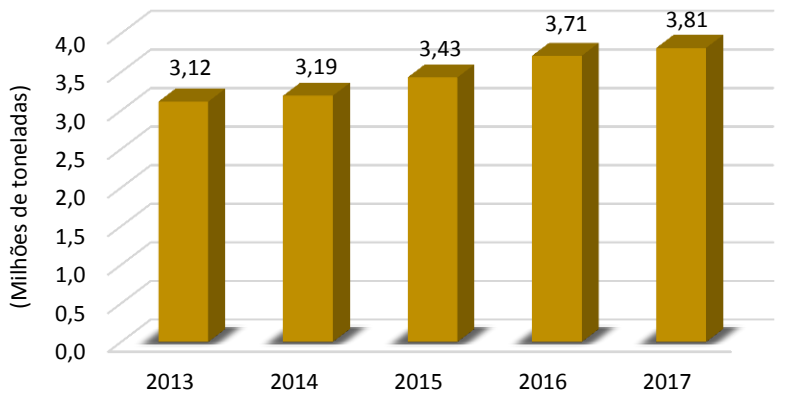


Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Quantidade de suínos abatidos por ano no Brasil (milhões de cabeças) – 2013 a 2017

Dos 25 estados acompanhados pelo IBGE, 12 registraram crescimento na quantidade de animais abatidos, com destaque para Santa Catarina (+772,49 mil cabeças), Paraná (+322,56 mil), Mato Grosso do Sul (+128,18 mil), Minas Gerais (+100,06 mil) e Mato Grosso (+75,78 mil). Por outro lado, as quedas mais significativas foram registradas no Rio Grande do Sul (-334,55 mil cabeças), São Paulo (-81,87 mil) e Goiás (-69,77 mil).

A análise dos dados detalhados demonstra que o melhor resultado do ano passado foi registrado no 3º trimestre (crescimento de 2,93%). Por outro lado, o pior desempenho ocorreu no 2º trimestre, quando o número de abates foi apenas 0,24% superior ao mesmo período de 2016. Vale lembrar que a Operação Carne Fraca foi deflagrada em março de 2017.



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

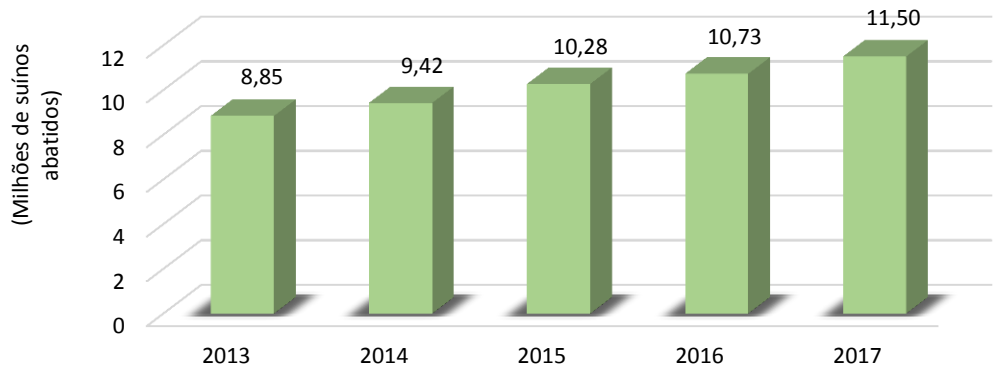
Produção de carne suína no Brasil – peso de carcaça (milhões de toneladas) – 2013 a 2017

A produção de carne suína também aumentou no ano passado. Conforme evidenciam os números divulgados pelo IBGE, de janeiro a dezembro de 2017 foram produzidas 3,81 milhões de toneladas de carcaças suínas, aumento de 2,76% em relação a 2016.

Percebe-se que o percentual de crescimento da produção de carne foi próximo daquele registrado para o número de animais abatidos, o que indica que houve apenas um pequeno aumento no peso médio de abate ou no rendimento de carcaça.

Os melhores desempenhos ocorreram no 3º e 4º trimestres, com taxas de crescimento de 4,07% e 3,86%, respectivamente. O pior desempenho foi observado no 1º trimestre, quando a variação atingiu somente 1,09%.

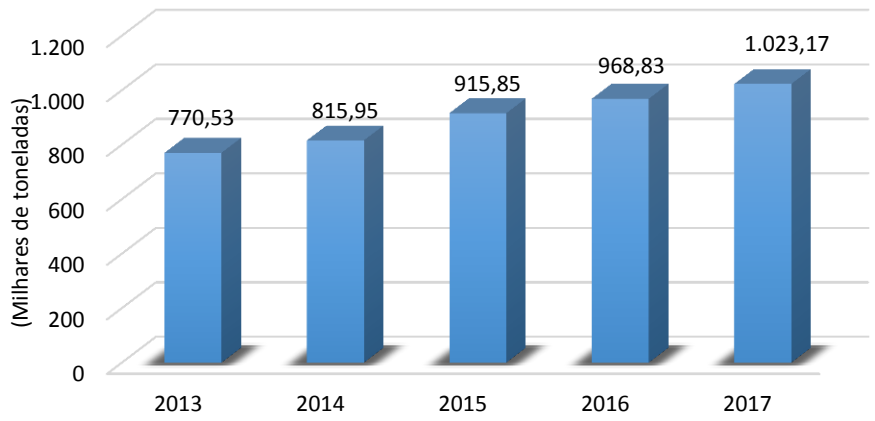
O aumento no número de animais abatidos em Santa Catarina foi mais expressivo do que no cenário nacional. Segundo o IBGE, em 2017 foram abatidos 11,5 milhões de suínos no estado, crescimento de 7,20% em relação ao ano anterior. Esse é o 4º ano consecutivo de variação positiva no número de animais abatidos.



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Quantidade de suínos abatidos por ano em Santa Catarina (milhões de cabeças) – 2013 a 2017

Vale mencionar que, conforme demonstram os dados do IBGE, Santa Catarina continua sendo o maior produtor de suínos do país, responsável por 26,6% de todos os abates de suínos realizados no ano passado no Brasil.



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Produção de carne suína em Santa Catarina – peso de carcaça (em milhões de toneladas) – 2013 a 2017

Em 2017 Santa Catarina atingiu a marca de 1,02 milhão de toneladas de carcaças suínas produzidas, o que representa um incremento de 5,61% em relação ao ano anterior.

Os melhores resultados do ano passado foram registrados no 3º e 4º trimestre, com variações de 7,82% e 7,19% na quantidade produzida em relação a 2016, respectivamente.

Pecuária

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

No dia 23 de março passado, o IBGE divulgou os números relativos à quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas nos três últimos meses de 2017. Através deles foi possível saber que a quantidade de leite adquirida pelas indústrias em 2017 foi 4,1% superior à de 2016. Foram 24,117 bilhões de litros, quantidade superior também à de 2015, mas ainda 2,5% abaixo da quantidade recorde de 24,747 bilhões de litros, que se deu em 2014.

Isso é diferente do que mostram os levantamentos do Cepea, que formam o Índice de Captação de Leite Cepea Brasil, em que o volume de leite captado nos sete estados que representam cerca de 85% da produção leiteria nacional aumentou 7,9% de 2016 para 2017, que informa que em nenhum ano da história as indústrias inspecionadas do País captaram tanto leite como no ano passado.

Leite - Comparativo entre os dados do IBGE e Cepea - Brasil - 2016 e 2017

Mês	IBGE - Produção (bilhão de litro)		Variação 2016-17	ICAP-L/Cepea		Variação 2016-17
	2016	2017	%	2016	2017	%
Janeiro	2,072	2,099	1,3	185,67	181,58	-2,2
Fevereiro	1,892	1,830	-3,3	177,17	176,00	-0,7
Março	1,898	1,925	1,4	164,15	170,66	4,0
Abril	1,749	1,809	3,4	158,59	168,79	6,4
Maio	1,742	1,904	9,3	156,01	170,07	9,0
Junho	1,728	1,934	11,9	158,23	181,65	14,8
Julho	1,897	2,026	6,8	166,19	189,67	14,1
Agosto	1,989	2,083	4,7	176,49	199,01	12,8
Setembro	1,963	2,067	5,3	187,50	207,18	10,5
Outubro	2,048	2,105	2,8	187,65	203,53	8,5
Novembro	2,052	2,119	3,3	188,73	206,23	9,3
Dezembro	2,140	2,215	3,5	188,54	206,71	9,6
Total	**23,170**	**24,117**	**4,1**	**2.094,92**	**2.261,08**	**7,9**

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite e Cepea (Base 100 = junho/2004).

Essa diferença entre as duas principais fontes de dados sobre a comercialização de leite no Brasil, é mais um aspecto a dificultar uma leitura adequada das razões de o mercado do leite ter mudado tanto após o primeiro semestre de 2017. Pelos dados do Cepea, não haveria dúvida de que tivemos meses de oferta muito acima do que seria normal e, portanto, nada mais previsível do que os preços decrescerem significativamente. Pelos dados do IBGE, conclui-se que, tanto no ano quanto nos principais meses de 2017, a oferta sequer alcançou os patamares de 2014 e, portanto, os decréscimos de preços seriam mais explicados por problemas de demanda do que de excesso de oferta.

Esse quadro de imprecisão sobre os/as dados/informações e as dificuldades de compreensão das questões setoriais não são novos e serão recorrentes enquanto persistir a falta de interesse e a desarticulação institucional para organizar/melhorar minimamente as estatísticas já disponíveis.

Apesar das graves limitações, a cada divulgação dos dados se constatam novas mudanças na atividade leiteira nacional. Esse é o caso da recente divulgação da Pesquisa Trimestral do Leite, pelo IBGE, que consolidou os dados de 2017 e que mostra a rápida e acentuada alteração geográfica na industrialização de leite no Brasil.

Chama especial atenção o caso de Santa Catarina. Em 2016, pela primeira vez na história, a quantidade de leite adquirido pelas indústrias inspecionadas de Santa Catarina foi maior que a de Goiás. Em 2017, inesperadamente, Santa Catarina aparece também na frente do Paraná, que, segundo a Produção Pecuária Municipal/IBGE, é o segundo maior produtor de leite do Brasil, atrás apenas de Minas Gerais.

É certo que parte disso é explicada pelo maior crescimento da produção de Santa Catarina em relação a essas e outras unidades da federação e parte pelos grandes investimentos havidos no Estado em ampliação de capacidade industrial. Mas, é bem provável que se explique, também, por problemas nas atuais estatísticas primárias sobre a produção leiteira brasileira. Certamente a produção de alguns estados está subestimada e de outros está superestimada, o que já ficou evidente quando da divulgação dos dados do Censo Agropecuário 2006.

Um exemplo bem evidente é o do estado do Paraná. Considerando os números do Censo e da Pesquisa Trimestral do Leite, mesmo na hipótese de que haja a venda de muito leite cru para outras unidades da federação, é improvável que o Paraná tenha toda essa produção indicada pela Pesquisa Pecuária Municipal/IBGE.

Leite - Produção total e recebida pela indústria inspecionada - 2006/2017

UF	Total (bilhão de litro)			Inspecionada (Bilhão de litro)		Var. 2016-17 (%)
	Censo 2006	PPM 2006	PPM 2016	2016	2017	
MG	5,720	7,094	8,971	6,106	5,990	-1,9
RS	2,458	2,625	4,614	3,250	3,419	5,2
SP	1,271	1,744	1,692	2,559	2,872	12,2
SC	**1,396**	**1,710**	**3,114**	**2,438**	**2,757**	**13,1**
PR	1,829	2,704	4,730	2,744	2,726	-0,7
GO	2,088	2,614	2,933	2,313	2,465	6,6
Outras	5,805	6,908	7,571	3,759	3,888	3,4
BR	**20,568**	**25,398**	**33,625**	**23,170**	**24,117**	**4,1**

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário, Pesquisa Pecuária Municipal e Pesquisa Trimestral do Leite.

O mais provável é que o Rio Grande do Sul seja o segundo produtor nacional de leite, com diferença sensível para a produção do Paraná, como também já mostrou o Censo Agropecuário 2006. O provável aumento da entrada de leite produzido no Rio Grande do Sul em Santa Catarina, aliás, é parte da explicação para que a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas de Santa Catarina tenha superado a de Goiás e do Paraná.

No que diz respeito à produção dos meses recentes, as informações de parte importante das indústrias da Região Oeste Catarinense mostram que o recebimento de leite pelas indústrias de Santa Catarina voltou a decrescer sensivelmente de fevereiro para março de 2018. Isso contribui para a recuperação dos preços aos produtores, conforme ficou evidenciado na reunião do mês de março do Conseleite/SC.

Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina - 2015-18				
Mês	**R$/litro na propriedade com Funrural incluso**			
	2015	**2016**	**2017**	**2018**
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	0,9695
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	1,0128
Março	0,8614	1,0652	1,1412	1,0705
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	
Maio	0,8875	1,1430	1,1733	
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	
Julho	0,9278	1,5500	1,0617	
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189	
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374	
Outubro	0,9024	1,0461	0,9550	
Novembro	0,9308	0,9993	0,9977	
Dezembro	0,9387	1,0333	0,9788	
Média	**0,8866**	**1,1408**	**1,0634**	

Março/2018: Valor projetado.
Fonte: Conseleite/SC.